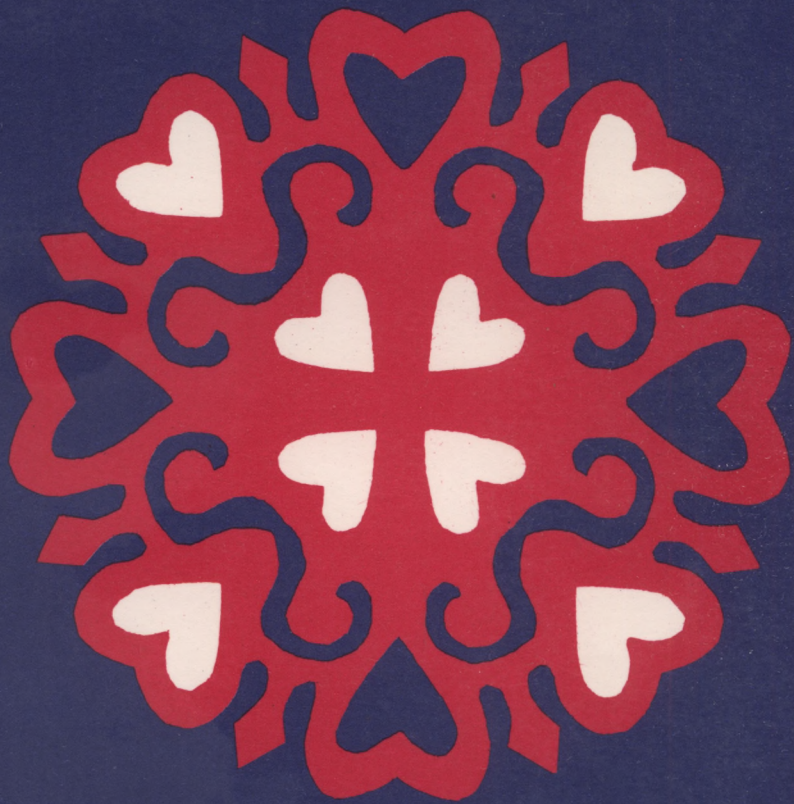


Порт/п
и 35

UKRAINKA



DON JUAN

LÉSSIA UKRAINKA

DON JUAN
OU
O SENHOR DE PEDRA

SOCIEDADE DOS AMIGOS DA CULTURA UCRAINA
CURITIBA

COMPANHIA BRASILEIRA DE ARTES GRÁFICAS
RIO DE JANEIRO

1983

Tradução do Ucraniano e prefácio: Wira Selanski

Consultas históricas e léxicas: Nikolas Hec

Revisão: Rui Capdeville

Série VERTÉP:

1. Ghryghory Skovorodá: FÁBULAS
2. Tarás Chewtchenko: O SONHO
3. Iván Frankó: MOISÉS
4. Vassyl Stefanyk: CRUZ DE PEDRA
5. Léssia Ukrainka: DON JUAN

Capa: WW

© Wira Selanski

e

Sociedade dos Amigos da Cultura Ucraina



LÉSSIA UKRAINKA

LÉSSIA UKRAINKA, A FILHA DE PROMETEU

Passando uma temporada na Criméia, Léssia Ukrainka, a maior expressão poética feminina da Ucrânia, escreveu FRAGMENTOS DA CARTA, dirigidos a um amigo literato:

...

Há pouco reli, novamente,
Teus versos em aço esculpidos,
Fortes no seu armamento.
Tentarei retribuir-te à altura:
Eis uma fábula, cuja "moral" descobre tu mesmo:
Por um caminho tortuoso
Escalamos o monte Ai-Petri,
Através de cacheados vinhedos frondosos
Que se estendem aos pés da montanha, em tapete
precioso.

Já os loureiros, amados pelos poetas, sumiram,
Já nem magnólias restaram,
Nem os ciprestes esbeltos, envolvidos por hera,
Nem as copiosas tendas de plátanos.
Só reparamos em nossas patricias, bétulas brancas,
Em escuros carvalhos e áceres, habituados aos
ventos.

Nós os deixamos ao lado do nosso caminho,
Tendo por companheiros os cardos, os espinheiros
e a losna;

Eles passaram também.
Gesso e areia; pedras vermelho-cinzentas
Sobre o atalho pendiam, ermas, despidas,
Como geleiras nos mares do Norte.
Tudo queimado. Não houve naquela montanha
Nem uma haste sequer.
O sol fulminante lançava suas flechas agudas,

Ventos erguendo poeira,
Nem uma gota de água. Foi um caminho ao nada,
À terra da morte potente . . .

Mas eis que no cume,
Na pedra cinzenta escarpada, brilhou uma chama:
Uma só flor, revelando uma bela corola,
Brilhando em gemas no fundo — gotas de orvalho.
Ela rompeu esta pedra que tudo vencera,
Que sufocara raízes dos fortes carvalhos
E cardos rebeldes.
“Saxífraga” chamam-na os entendidos,
Mas os poetas deviam dizer “quebra-pedra”
E venerá-la acima do nobre loureiro.

(1897)

A própria autora era uma flor quebra-pedra: embora fisicamente frágil, de uma força poética viril que a fez, depois de Chewtchenko e Frankó, a terceira maior representante da literatura ucraniana.

Larissa Kossatch, conhecida mais tarde pelo pseudônimo de Léssia Ukrainka, nasceu em 1871, na cidade de Zviaghel (hoje Novoghrád-Volynsky), de família nobre. Sua mãe era escritora e publicava suas obras sob o pseudônimo de Olena Ptchilka. A jovem Léssia conquistou o perfeito conhecimento da história universal e o domínio das principais línguas e literaturas européias, sendo também muito dotada para a música. Quando completou dez anos de idade, manifestou-se nela a tuberculose óssea, que mais tarde atacaria os pulmões e os rins. Teve que submeter-se a várias operações e viver constantemente em países de clima quente: Bulgária, Itália, Egito, Geórgia. Ainda na juventude, a poesia a possui com tal ardor que Iván Frankó chega a declarar: “Desde Chewtchenko, a Ucrânia não ouviu nenhuma palavra tão vigorosa, apaixonada e poética como esta, pronunciada por uma jovem delicada e doente.”

A atmosfera da casa paterna ajudou na formação intelectual de Léssia: o lar foi freqüentado pelos maiores espíritos pensantes e criadores da Ucrânia de sua época: além do poeta Iván Frankó, o dramaturgo Mykhailo Starytsky, o compositor Mykola Lyssenko e outros. Grande influência na sua cultura

teve também o tio materno, o sociólogo Mykhailo Draghomanov, que vivia no exílio político e que dirigiu a atenção da jovem poetisa para as maiores obras da literatura mundial. Graças a Draghomanov, no fim da nona década do século passado, Léssia começa uma grande atividade de tradutora, adaptando para o idioma ucraniano exemplos da literatura indiana (Hinos de Rig-Veda), egípcia (antigos cantos populares), sérvia (baladas), alemã (OS TECELÕES de Gerhart Hauptmann, LIVRO DOS CANTOS de Heinrich Heine), francesa (L'INTRUSE de Maeterlinck) e outros.

Suas próprias poesias líricas, caracterizadas pela tristeza silenciosa, sorriso através de lágrimas, esperanças tímidas, mas também pelos hinos potentes ao renascer primaveril da natureza e do ser humano, foram recolhidas em coletâneas: NAS ASAS DOS CANTOS (1892), PENSAMENTOS E SONHOS (1895) e ECOS (1902). No âmago da segunda obra está o ciclo CANTOS CATIVOS, onde se destaca a figura mítica de Prometeu, revoltado contra o "deus terreno", o czar russo, sufocador da vida na Ucrânia subjugada. O poema FIAT NOX! é um vivo exemplo do espírito rebelde da autora:

Que venham trevas! — disse o deus terreno.
E vieram trevas, e surgiu o caos
Qual anterior à Gênese. Oh, não!
Era pior, pois padecia nele
O povo condenado a perecer.
Como visagens tristes emergiram
Miséria, praga, fome com pavor
Ultraterrestre, congelando a alma;
E os mais valentes punham-se a tremer
Aos gritos dos famintos, aos gemidos
Que vinham dos abismos insondáveis
Da multidão obscura. Parecia
Compor aquele caos ela própria
E ser seu porta-voz. Pois no negrume
Clamores se espalhavam: Dá-nos luz!
Mas em resposta logo a voz bramia
Do deus terreno, no soberbo trono:
Que venham trevas! — E tremia o caos.
Os filhos da raiz de Prometeu
Buscaram a centelha das alturas,

Por ela suas palmas estendendo.
Como uma estrela que ilumina a estrada,
Esta centelha grande se partia
Em pequeninas, insignificantes,
E cada ser guardava seu tesouro
Desde a nascença. Nas extintas cinzas
Ela não se apagava, nem morria,
Mas não doava nem calor, nem luz.
O filho corajoso do titã
Herdara a sina do seu ancestral:
Exílio e martírio nas algemas
E o padecer na solidão deserta . . .
Até o presente, ainda, reinam trevas.
Respondam-me, cativos infelizes!
Ouçam valentes vozes, vozes livres
Soando como gritos na floresta!
Agora já calaram, e parece
Ainda mais terrível o silêncio.
Ninhada do valente Prometeu!
Não águias dilaceram o teu peito:
Serpentes sugam o teu coração!
Não ficas algemado ao rochedo
Que com sua alva fronte brilha ao longe,
Dando a notícia sobre o prisioneiro;
Mas sepultado nos casebres pobres
Que engolem os teus choros e gemidos,
Toda a revolta. Tu, senhor das trevas,
Nosso inimigo! Não em vão receias
A música terrível dos grilhões!
Tu temes que os cruéis e tristes cantos
Possam ferir o coração de pedra.
Com que vais abafar a voz selvagem
Do caos escuro, da miséria e fome,
Os gritos ansiosos: Dá-nos luz! —
Aos quais, como a um eco nas montanhas,
Respondem sempre vozes generosas?
Que venham trevas! — tu disseste. É pouco
Para calar o caos e a voz titã!
Se teus poderes são ilimitados,
Dá a ordem derradeira: Venha o fim!

(1896)

O poema NO DESERTO deve ser compreendido também como uma parábola: os judeus na caminhada rumo à terra prometida são ucranianos à procura da sua identidade nacional.

Falou-nos Adonai: Minha é a vingança!
Aqueles que não crêem em meus milagres,
Não os merecem. Antes de morrer
No vosso meio o último exilado
Por dúvida maldita corrompido,
Ignorareis a terra prometida. —
Assim disse o Senhor pelo profeta,
E a voz divina triste retumbava
No meio de ermos. O profeta foi
Subir o monte para ver de longe
A terra prometida inalcançável,
E nunca mais voltou. Ficamos sós,
Abandonados no deserto mudo.
A Oeste, ou a Leste vai o rumo?
Ao Norte ou ao Sul? É indiferente.
Seria bom deitar na areia quente
À espera de que o vento derramasse
Por sobre nós um túmulo dourado.
Só as criancinhas, os recém-nascidos,
Dão pena, pois que vieram a nascer
Para provar da fome e sede e logo
Findar-se nas mortalhas do deserto.
Iremos pelas dunas sem caminho,
Ao embalar a cobra de incerteza,
Com fixo olhar na morte prematura.
A dúvida e a angústia nos queimam,
Dilacerando as almas empestadas,
Ferindo como espadas corações.
A morte do profeta foi um raio.
Quem nos conduz? — É o sonho inalcançável,
O espírito fantástico dos ermos.
Já estamos castigados. Mais cruel
Não pode ser o próprio Adonai.
Andemos! Este amargo sofrimento
Encurtará o caminho dos que vêm
Depois de nós, seguindo para a luz!

(1898)

As coleções líricas de Léssia, com sua estrutura cíclica, dão idéia de composições musicais.

A partir da última década do século passado, a poetisa principia sua criação dramática: o drama e o poema dramático serão, então, seu gênero predileto. Num rodopio febril aparecem personagens e culturas dos povos antigos e distantes, carregadores de idéias novas e problemas atuais da Ucrânia. Em grande parte dos seus protagonistas, a própria autora se projeta.

ROSA AZUL (1896) sofre ainda a influência do melodrama ucraniano, cultivado na primeira fase do século XIX, e das idéias propagadas pelo Naturalismo, tais como a lei da hereditariedade.

Em 1897 surge o drama NA SELVA, tendo como figura principal o escultor Richard Iron, perdido nos primeiros povoados da América do Norte, lutando contra os fanáticos iconoclastas e os negociantes das obras de arte. O final é trágico, mostrando como o espírito de liberdade do protagonista esgota suas forças criativas.

Em 1898, Léssia esboça o fragmento de IFIGÊNIA EM TÁURIDA, que nunca chegou a ser elaborado.

O novo século principia com o drama A CONSAGRADA que coloca no seu centro uma heroína anônima.

NAS RUÍNAS (1904) é um drama de resistência judia na antiga Palestina: a profetisa Tirtsa chama seu povo à ação, jogando no rio a harpa quebrada de Jeremias, que só se lamentava sobre o passado. "Descubra novas palavras, novas cordas, ou cale, pois que os túmulos não cantam!" exorta Tirtsa. Também no CATIVEIRO BABILÔNICO (1905), o profeta Eliziário chama seu povo à procura da liberdade, protestando contra a opressão inimiga.

O CONTO DE OUTONO (1905) é uma alegoria da sociedade nova. A obra não chegou a ser publicada durante a vida de Léssia Ukrainka; a própria autora não a considerava amadurecida. Ainda em 1905 foi escrito EM CATACUMBAS, um poema dramático, tendo como protagonista um servo-neófito que rejeita o cristianismo com seu espírito de humildade submissa ao poder e glorifica o titã Prometeu que não se sujeita à tirania de Zeus. Nesta obra, no entanto, o assunto não é teológico e sim político, uma alegoria da situação ucraniana

dentro do império russo, fazendo transparecer o espírito não conformista da autora.

Em 1907 foi terminado o poema dramático CASSANDRA: o cenário é Tróia, onde ninguém quer sacrificar sua pequena felicidade passageira e acreditar nas graves palavras visionárias que chamam a atenção dos troianos sobre o perigo iminente. No entanto, nas ruínas de Tróia, no meio dos lamentos das mães sobre os cadáveres de seus filhos, Cassandra prevê a futura floração do seu povo, por ora infeliz.

RUFINO E PRISCILA (1908) coloca a ação no segundo século da era cristã, na Roma decadente, rasgada entre o imperialismo podre e o cristianismo crescente que sacrifica, no entanto, a antigüidade clássica com seus valores eternos.

Na obra JOANA, A MULHER DE KHUS (1909), a autora mostra uma mulher sofrendo num casamento desigual: Joana é seguidora dos ensinamentos de Cristo, mas é mal compreendida e interpretada por seu marido, preocupado apenas em bajular o governador romano e sua mulher — dois seres enfatuados e sem alma — para defender seus interesses mesquinhos.

NO CAMPO DE SANGUE (1910) aponta Judas arando o campo comprado pela traição a Jesus, para recuperar os bens que perdeu, tendo seguido os ensinamentos de Cristo. É a sobrevivência não arrependida de um pecador irre recuperável.

FIDALGA (1910) condena a política colonizadora da Rússia, que esmaga os povos menores. A heroína, transplantada para um ambiente alheio, finda de saudade por sua pátria ensolarada.

Em 1911 foi publicada a CANÇÃO DA FLORESTA, um drama feérico, de grande beleza. Nesta obra, a autora recorda as credices e a paisagem da Volínia. A narrativa está semeada de melodias folclóricas, colhidas pela própria autora. O drama mostra conflito entre a poesia e a realidade crua. A virgem da floresta, Mawka, abandona a natureza selvagem, onde vivera alegre e livre, para entrar na sociedade humana, por amor a Lukách. No entanto, sua beleza sofre do pesado trabalho dos camponeses, numa pobre choupana. Ninguém pode compreendê-la e ela não pode mais voltar para sua vida anterior, pois que o amor a um ser humano lhe deu alma. Tarde demais, Lukách reconhece ter sido a causa da sua morte. Fica apenas sua flauta, que acorda os amantes e a natureza de um profundo sonho hibernal.

Também em *ADVOGADO MARTIANO* (1911) volta um tema romano, do terceiro século da era cristã. A filha do advogado abandona a casa paterna, procurando prazeres levianos, e o filho vai ao exército à procura da glória mundana, enquanto o advogado, embora sofrendo sua tragédia familiar, permanece firme e defende a posição da sua comunidade cristã.

Um destaque especial merece o drama *O SENHOR DE PEDRA*, de 1912, cujo título original era *DON JUAN*. O tema tradicional da literatura mundial recebeu, nesta versão ucraniana, um tratamento inesperado e original: a imagem do conquistador de corações femininos sofre uma modificação, no decorrer da história. Don Juan será vítima de uma mulher ambiciosa e de inteligência superior, que maneja os fios de seu destino até um final trágico. A maior culpa de Don Juan é de ter traído um amor verdadeiro e de procurar o poder que compromete sua liberdade. O poder absoluto e a liberdade do indivíduo aparecem como idéias antagônicas. Os diálogos são concentrados, a ação condensada. Junto com *A CANÇÃO DA FLORESTA*, é este o maior drama de Léssia Ukrainka. Seus últimos trabalhos foram *ISOLDA DE MÃOS BRANCAS* (1912) e o fragmento *ORGIA* (1913). Neste, a ação se passa na cidade de Corinto, conquistada pelos romanos, no segundo século da era cristã. O poeta grego Anteu não renega sua pátria e sua arte, opondo-se, assim, às exigências estrangeiras.

Léssia Ukrainka morreu em 1913, na cidade georgiana de Suran.

Lutando sempre contra seu mal físico, consumida pela febre, a poetisa procurava no passado outros irmãos da sua sorte, tocados pela centelha de Prometeu. Assim o narra seu poema *ERA OUTRORA...*

No tempo vil de santa Hermandad
Prenderam um herege. O pecador
Foi conduzido junto à Torquemada,
Para ser convertido pela dor.

Penava o mártir; do olhar sofrido
As lágrimas corriam sem cessar;
Uma só vez ouviram seu gemido
E vieram seus suplícios atihar.

Ele gritou. — Vamos forçá-lo, — disse
Conhecedor das almas, seu algoz.
— Ao gládio e fogo não resistes
O espírito de quem é porta-voz.

Aumentai suas penas! — E verdugos
Correram o rebelde a torturar.
Tremiam de horror espessos muros
À espera do cativo desmaiar.

Ele não desmaiou. E calmamente
Sorriram os seus lábios, já sem cor;
Os olhos se acenderam, de repente,
E disse: — Irmãos, pelo divino amor,

Reavivai o quanto mais a brasa:
No fogo vem a dádiva do céu!
— Queimai-o vivo! — disse Torquemada,
— Não há esperança mais. Ele venceu.

DON JUAN
(O SENHOR DE PEDRA)

Drama em VI atos

Personagens: Comendador Don Gonzago de Mendoza
Dona Ana
Don Juan
Dolores
Sganarelle — servo de Don Juan
Don Pablo de Alvarez e
Dona Mercedes — pais de dona Ana
Dona Sol
Dona Conceição — fidalga
Mariquita — camareira
Aia de dona Ana
Grandes da coroa, convidados, serventes.

I

Cemitério de Sevilha. Vistosos mausoléus, brancas estátuas dolentes, mármore entre ciprestes, muitas flores tropicais de cores vivas. Mais beleza do que tristeza. DONA ANA e DOLORES. ANA vestida de cor clara, com uma flor na trança, enfeitada com redes e correntes douradas. DOLORES em luto profundo, ajoelhada junto a um túmulo, coberto de coroas de flores vivas e frescas.

DOLORES *levanta-se, enxugando os olhos com um lençinho:*
Vamos, Anita.

ANA *senta-se no banco, embaixo de um cipreste:*
Senta-te, Dolores,
Aqui está bom.

DOLORES: A ti, feliz, agrada
Esta beleza morta, minha amiga?

ANA: Quem? Eu — feliz?

DOLORES: Não vais casar-te em breve
Com o comendador?

ANA: Por que perguntas?

DOLORES: Tu estás apaixonada por teu noivo?

ANA: Acaso o Don Gonzago não merece?

DOLORES: Isso não nego. Que maneira estranha
De responder a uma pergunta, Anita!

ANA: Pois tu perguntas tão estranhamente.

DOLORES: Que há de estranho nisso? Nós, Anita,
Há muito tempo somos companheiras,
Tu podes confiar: eu sou discreta.

ANA: Então, começa com o bom exemplo.
Tu tens segredos, eu não tenho nada.

DOLORES: Quem? Eu — segredos?

ANA: E não tens, acaso?
Não baixes os teus olhos? Deixa ver!
(Fita seus olhos, rindo.)

DOLORES *com voz embargada:*
Não me atormentes!

ANA: Lágrimas, até?
Meu Deus! Uma paixão desenfreada!
(DOLORES cobre a face com as mãos.)
Perdoa, amiga!
*(Pega um medalhão de prata que pende num cordão
cordão sobre o peito de DOLORES.)*

Quem está guardado
Cá dentro? Certamente são retratos
De teus queridos, mortos genitores . . .
*(Abre o medalhão antes que DOLORES possa afastar
sua mão.)*

Quem é o formoso cavalheiro? Dize!

DOLORES: Meu prometido.

ANA: Sim? Eu ignorava
Este noivado. Nunca vi vocês,
Um junto ao outro.

DOLORES: Pois, jamais verás.

ANA: Ele morreu?

DOLORES: Não, vive.

ANA: Então, traiu-te?

DOLORES: Tampouco me traiu...

ANA: Já basta
De teus segredos. Cala, se quiseres.
Eu não costumo violar as almas.
(Quer levantar-se. DOLORES prende sua mão.)

DOLORES: Senta-te, Anita. Como é doloroso
De novo erguer esta medonha pedra!
(Coloca a mão no coração.)
Aqui jaz uma pedra tão pesada
E tanto tempo... E ela sepultou
Queixumes e desejos, menos um...
Pensaste que chorei pelos parentes?
Não, Ana. Foi aquela grande pedra
Que espreme lágrimas do coração...
És muito tempo noiva?

ANA:

DOLORES: De nascença.
As nossas mães firmaram o noivado,
Enquanto a minha mãe me resguardava.

ANA: Como foi imprudente!

DOLORES: Não, Anita.
Pela vontade divina, eu posso
Chamá-lo legalmente de meu noivo,
Embora não pertença a mim.

ANA: Quem é?

DOLORES: Como é estranho eu não conhecê-lo!

DOLORES: É Don Juan.

ANA: Como? Seria aquele...?

DOLORES: O próprio. Pois, qual outro, dos milhares
Dos portadores deste mesmo nome,
Seria simplesmente Don Juan,
Sem qualquer apelido e atributo?

ANA: Agora, eu entendo . . . E no entanto . . .
 Há tempo está banido da cidade
 E fora de Sevilha.

DOLORES: Eu o vi
 Em Cádiz, onde estive de visita.
 Ele vivia escondido em grutas . . .
 Fazia contrabando, às vezes ia
 Com os piratas . . . Uma das ciganas
 Deixou seu arraial por causa dele,
 Fugiu além do mar e lá sumiu;
 Ele voltou com uma bela moura
 Que envenenou o irmão do próprio sangue
 Por causa de Don Juan . . . Depois a moura
 Tornou-se monja.

ANA: Não, parece lenda!

DOLORES: Mas é verdade.

ANA: Sim? Por que motivo
 O baniram? Havia alguns rumores,
 Alguns boatos . . .

DOLORES: Na época de pagem,
 Desafiou por causa de uma infanta
 Um príncipe.

ANA: Será que aquela infanta
 O amou?

DOLORES: Assim afirma todo o mundo,
 Mas eu não creio.

ANA: Tu não crês? Por quê?

DOLORES: Se lhe tivesse estima, deixaria
 Por ele realeza, sim, Madrid . . .

ANA: Não é tão fácil!

DOLORES: Um amor não pede
 Caminhos fáceis. Pois assim deixou
 A filha do rabino de Toledo
 Por ele sua fé.

ANA: E o que, depois?

DOLORES: Jogou-se na água.

ANA: Que terrível é
 Este teu noivo! Mas que estranho gosto:
 Cigana, muçulmana, mais judia . . .

DOLORES: E infanta!

ANA: Com a infanta, me parece,
A coisa não ficou esclarecida.

DOLORES: Indo para o exílio, seduziu
Uma abadessa, santa e virtuosa,
Neta de inquisidor.

ANA: Será verdade?

DOLORES: Sim, passou a manter uma taberna
Para os contrabandistas.

ANA rindo: Tem humor
Este teu Don Juan... Tu mesma ostentas
Um certo orgulho em mencionar amantes
Como troféus, do dito cavalheiro,
Colhidos em torneios perigosos.

DOLORES: Eu tenho inveja delas, cara Anita!
Por que não sou cigana, para dar-lhe
Em sacrifício minha liberdade?
Por que não sou judia? Sua serva,
Eu pisaria a crença do meu povo.
Coroa — pouco vale. Eu daria
Por seu amor meus entes mais queridos...
Dolores, teme a Deus!

ANA: Oh! minha amiga!
DOLORES: Maior inveja tenho da abadessa,
Que rejeitou por ele o paraíso
E a salvação da própria alma.
(*Aperta sua mão.*)

Nunca

ANA: Vais entender inveja semelhante!
Eu, sendo tu, jamais invejaria
Essas abandonadas infelizes.
Desculpa! Estás também abandonada...
DOLORES: Não fui abandonada e não serei.
ANA: De novo enigmas de sentido obscuro?
DOLORES: Estive lá, na gruta, junto dele,
Onde ele se escondia...
ANA *com intensa curiosidade*: Conta! Conta...
DOLORES: Ele jazia todo massacrado
Com seu intento de raptar a esposa
Do alcaide que a matou, ferindo muito
A Don Juan...

ANA: Como chegaste ali?

DOLORES: Agora, não me lembro como foi . . .
Parece um sonho da mais alta febre . . .
Cuidando dele, carregando-lhe água,
Lavando seus profundos ferimentos,
Eu consegui curá-lo.

ANA: Mas — depois?

DOLORES: É tudo. Eu parti de novo assim
Como cheguei.

ANA: Como chegaste?

DOLORES: Sim!

Igual à hóstia pura. Tu não penses
Que eu fiquei por ele seduzida
Jamais!

ANA: Porém tu o amas loucamente!

DOLORES: Não é loucura meu fiel amor!
Ele, no coração, é como o sangue
No misterioso cálice do Graal.
Sou noiva — e ninguém no vasto mundo
Ousa me macular, nem Don Juan,
Que sabe disso.

ANA: Sim?

DOLORES: Com alma sente.

E guarda para mim um sentimento;
Porém amor não é; disso eu sei.
Ele é sem nome . . . Quando eu partia,
Tirou o anel da minha mão, dizendo:
“Prezada senhorita, se uma vez
Alguém, por minha causa, lhe fizer
Censuras, diz que nós somos noivos.
Não trocarei anéis jamais com outra,
Disso lhe dou penhor da minha honra.”
Falando assim, não afirmou que só
Amava a ti sozinha, de verdade?

ANA:

DOLORES *tristemente abanando a cabeça:*

Palavras não conseguem embalar
O coração . . . Eu amo o sonho apenas.
Tais noivos como nós só podem ser
Nos céus os anjos, mas aqui na terra
Não há pior tormento para mim.
Tu não entendes disso, minha amiga:
Teus sonhos, teus amores são possíveis.

ANA: Meus sonhos! Meus amores! — é demais!
DOLORES: Por que demais? O que te falta, amiga?
Tu tens beleza, juventude, amor,
Riqueza . . . em breve tu terás a honra
De ilustre esposa do comendador.

ANA *levanta-se, rindo*:
Não vejo nisso sonhos nem amores.

DOLORES *com um sorriso pálido*:
Tu não precisas deles mais, parece.
(*As duas senhoritas passeiam entre os monumentos.*)

ANA: Quem não precisaria dessas coisas?
E eu também possuo um lindo sonho,
Talvez surgido dos antigos contos
Que minha avó contava antigamente.
Eu os queria tanto . . .

DOLORES: Mas, que contos?

ANA: Quimeras são, apenas . . . Sonho, às
vezes,
Com um inacessível, alto monte,
Com um castelo forte no seu pico,
Severo ninho de águias . . . E nele,
Uma princesa jovem, altaneira . . .
Ninguém consegue conquistar as rochas.
E matam-se, escalando, os cavalheiros,
Escorrem fios de seu jovem sangue
Ao pé do monte . . .

DOLORES: Tão cruel, teu sonho!

ANA: Em pensamento, tudo é permitido.
E então . . .

DOLORES *continuando*:
Um belo cavalheiro surge
E alcança a mão e o coração altivo.
Pois bem, tu vês, o sonho está cumprido:
És tu, está claro, aquela bela dama,
Os cavalheiros mortos — pretendentes
Que sem sucesso algum te cortejaram,
E o nobre felizardo — Don Gonzago.
ANA *rindo*: Não, meu comendador é aquele monte,
E o nobre felizardo — não existe
No vasto mundo.

DOLORES: Fuja, senhor!
Se alguém chegar aqui, estará perdido.

DON JUAN: Se até o presente, recebendo olhares
De belos olhos, não fiquei perdido,
Que pode ser perigo para mim?
*(Ana sorri, DOLORES deixa cair o véu preto sobre seu
rosto e vira as costas.)*

ANA *acenando com a mão:*
Volte depressa para sua casa!

DON JUAN: Apenas a mãozinha feminina
Tão levemente manda para a cova.

DOLORES *virando-se para DON JUAN:*
Será que mora neste mausoléu?

DON JUAN: Como dizer-lhe? Tive que passar
Um dia e uma noite no sepulcro;
A rígida etiqueta desta corte
Supera a do palácio de Castela.
Como não pude lá ficar em forma,
Não pude aqui.

ANA: Aonde vai depois?

DON JUAN: Não sei ainda, juro.

DOLORES: Don Juan,
Sob esta igreja há um esconderijo . . .

DON JUAN: Não creio que será mais divertido.

DOLORES: O senhor pensa só em divertimentos!

DON JUAN: Por que não devo?

ANA: Então, se recebesse
Convite para o baile mascarado? . . .

DON JUAN: Aceitaria com prazer.

ANA: Pois bem,
Eu o convido. Nesta noite há
No lar de Pablo Alvarez, meu pai,
Meu derradeiro baile de solteira.
Todos virão com máscaras, além
Do meu comprometido e meus parentes.

DON JUAN a DOLORES: A senhorita irá também ao baile?

DOLORES: O senhor vê que estou de luto ainda.
(Sai para o lado.)

DON JUAN a ANA:

Jamais consigo usar as vestes negras;
Com gratidão aceito seu convite.

(Inclina-se.)

ANA:

Que fantasia tem?

DON JUAN:

Não sei ainda.

ANA:

Eu gostaria de reconhecê-lo.

DON JUAN:

Pode reconhecer-me pela voz.

ANA:

Será que ainda lembrarei seu timbre?

DON JUAN:

Então, vai conhecer-me pelo anel.

(Mostra-lhe o anel no dedo mindinho.)

ANA:

O senhor o usa sempre?

DON JUAN:

Sim, senhora.

ANA:

Parece tão fiel!

DON JUAN:

Eu sou fiel.

DOLORES *saindo de um caminho lateral:*

Ana, eu vejo Don Gonzago vindo!

(DON JUAN esconde-se no mausoléu. ANA vai ao encontro do COMENDADOR. Este aproxima-se com altivez. Não é mais jovem; mostra-se sério e reservado, porta com grande dignidade seu manto branco.)

COMENDADOR:

Sozinhas? Onde estão as suas aias?

ANA:

Entraram na capela, pois Dolores

Não gosta dos olhares curiosos

Quando visita túmulos queridos.

COMENDADOR *com seriedade, acenando com a cabeça, a DOLORES:*

Eu compreendo.

(A ANA)

Cara Senhorita,

Eu vim para saber que cor possui

A veste que pretende usar no baile?

ANA:

É branca. Mas por que o senhor pergunta?

COMENDADOR:

Por nada. Por curiosidade, apenas.

ANA:

O senhor vai reconhecer-me logo:

Não usarei a máscara.

COMENDADOR:

Melhor.

Pois não seria bem do meu agrado,

Se usasse máscara.

ANA:

Por que não disse

A mim a mínima palavra disso?

COMENDADOR: Não quero restringir sua vontade.
DOLORES: É estranho perceber que o prometido
Receia impor qualquer obrigação
Àquela que será amarrada em breve
Por uns liames muito mais potentes.

COMENDADOR: Não eu a prendo, porém Deus e a lei.
Eu não serei mais livre que a esposa.

DOLORES: Assim os homens falam muitas vezes.
Quem deles cumpre tal afirmação?

COMENDADOR: Agora não me admira, senhorita,
Que até o presente não está casada, —
Não valem mesmo bodas sem certeza.
E todos estão certos?

ANA: Senhorita,
COMENDADOR: Se eu soubesse que de mim duvida,
Ou se eu mesmo, acaso, duvidasse,
Eu lhe devolveria, enquanto é tempo,
Sua palavra. Pois depois da hora
Do grande juramento ...

ANA: Que terrível!

COMENDADOR: O amor não teme eternos juramentos.
Tem medo? Diga!

ANA: Não, eu só gracejo.
(A DOLORES)
Eu disse a ti: meu noivo é um penhasco.

COMENDADOR: De novo gracejando? Está alegre.

ANA: Por que não devo estar alegre hoje,
Quando, como num monte de granito,
Eu posso apoiar-me no seu braço?

COMENDADOR dá a mão à DONA ANA. Ela aceita.
Pois sim, Dona Ana, eu lhe provarei
Que não se engana.
(Vão andando, DOLORES um pouco atrás.)

ANA subitamente, em tom alto a DOLORES:
Sabes, no retrato,
Ele parece muito mais formoso
De que em verdade.

COMENDADOR: De quem é que fa-
lam?

ANA: Do noivo de Dolores.

COMENDADOR: Quem é o noivo?

ANA: Por ora, ainda, é segredo nosso,
Porém ele virá ao baile hoje.
(*Os três saem.*)

SGANARELLE, *servo de DON JUAN, entra, olhando em torno; aproxima-se do mausoléu:*
Senhor!

DON JUAN *saindo:* Tu estás de volta, Sganarelle?

SGANARELLE: A Dona Sol envia-lhe lembranças.
Não quer ser visitada no seu lar,
Tem uma aia malvada. Então prefere
Desvencilhar-se dela e à socapa
Fugir por um tempinho para cá.

DON JUAN: Já tão cedo?

SGANARELLE: Não quer?

DON JUAN *não presta atenção:* Vá conseguir-me
Uma bonita fantasia logo
Para um baile de máscaras.

SGANARELLE: E como
O senhor veio a descobrir, sozinho,
Que a Dona Sol irá amanhã à festa
Da noiva do comendador? Será
Que vai buscá-la para vir depois
Com ela aqui?

DON JUAN *entusiasmado com outro pensamento:*
Com quem?

SGANARELLE: Com Dona Sol!
Com quem, senão com ela? Não viemos,
Qual doidos, cavalgando só por ela
Até Sevilha?

DON JUAN: Vamos ver ainda;
Não sei.

SGANARELLE: Caso se desencontrem,
O que farei com ela aqui sozinho?

DON JUAN: Nada. Tu irás para a taberna, e ela
Voltará ao marido.

SGANARELLE: Don Juan!
Eu mostraria mais cavalheirismo,
Sendo senhor, e a vossa graça — servo!
(*Sai. DON JUAN esconde-se no mausoléu.*)

Pátio da residência do senhor Pablo Alvarez, arranjado ao estilo mourisco: cheio de flores, arbustos e baixas árvores, rodeado por uma casa com galeria sob arcadas, alargada no centro por um balcão e grande nicho. A cobertura do balcão é plana, com balaustrada, como um telhado oriental, alargada no meio da mesma maneira como a galeria abaixo. Para os dois andares da galeria leva uma escada: larga e plana embaixo, alta e íngreme em cima. A casa e a galeria estão iluminadas. No pátio não há luz. No primeiro plano do pátio acha-se um caramachão de parreira. DON PABLO e DONA MERCEDES, pai e mãe de ANA, conversam no pátio com o COMENDADOR. Em cima, na galeria, passeiam alguns poucos CONVIDADOS. No meio deles está DONA ANA.

COMENDADOR: Será que posso incomodar agora
A Dona Ana, por um instante apenas?

DONA MERCEDES: Anita! Vem falar com Don Gonzago!

ANA *debruçando-se sobre a balaustrada e olhando para baixo:*

Não podem subir cá, na galeria?

Mas é verdade: o monte não se move!

(Desce rindo e correndo.)

DONA MERCEDES: Ana, tu tens um riso muito agudo!

DON PABLO: E eu não gosto destas brincadeiras.
Toma juízo, filha!

COMENDADOR: Não ralheis
Com minha noiva, por não estar triste
Na véspera do nosso casamento.
Estou acostumado com seu jeito.

DONA MERCEDES: Cumprimentemos as visitas, Pablo . . .

COMENDADOR: Peço que ainda fiquem. Es Castela
Não há o costume de deixar os noivos
Sozinhos. Mas eu serei breve; apenas
Queria que dona Ana recebesse
Este sinal da minha grande estima.

(Tira debaixo do manto um precioso adorno de pérolas para a cabeça e se inclina diante de ANA.)

DONA MERCEDES: Que lindas pérolas!

DON PABLO: Comendador,
Não é caro demais este presente?

COMENDADOR: Para dona Ana?

ANA: Foi, então, por isso
Que quis saber a cor do meu vestido!

COMENDADOR: Não fui, talvez, feliz com minha escolha...
Pensei, no entanto: com a veste branca
Combinam pérolas . . .

ANA: Comendador,
O senhor não possui, mesmo, falhas!
Isso constrange um tanto seus amigos.

DONA MERCEDES *discretamente advertindo:*
Anita, que maneiras! Agradeça!
*(ANA faz diante do COMENDADOR uma profunda reve-
rência formal.)*

COMENDADOR *segurando o adorno acima de sua cabeça:*
Permita-me enfeitar com este adorno
Sua orgulhosa cabecinha, agora
Diante de mim baixada com decoro.

ANA *se ergue repentinamente:*
De outro modo não me alcançaria?

COMENDADOR *colocando nela o adorno:*
Como vê, senhorita, eu dei conta.
*(O pátio enche-se de uma multidão de CONVIDADOS
em variadas fantasias, com máscaras e sem elas; uns
desceram da galeria superior, os outros entraram pelo
portão que dá para fora. Entre aqueles que vieram do
portão, aparece um DOMINÓ NEGRO, largo, de muitas
pregas, com a face bem escondida pela máscara.)*

CONVIDADOS *que vieram da galeria:*
Onde está Don Pablo? E Dona Mercedes?

DON PABLO: Aqui, caros amigos.

DONA MERCEDES *aos recém-chegados:* As visitas
Adornam nossa casa, como jóias.

MATRONA *do grupo dos recém-chegados, dirigindo-se a uma
outra que veio antes, em sussurro:*
De certo já contou a todos nós,
Quantas despesas lhe causamos hoje . . .

OUTRA MATRONA *respondendo:*
Mercedes sabe calcular depressa,
Só a sua generosidade é lenta . . .

SENHORITA *saudando ANA:*

Como estás bela neste rico traje!

(Mais baixo:)

Apenas, és tão pálida no branco.

ANA:

Não faz mal, cara amiga: agora é moda.

(Mais baixo ainda:)

Se queres, eu te empresto o pó-de-arroz,

Pois até tua testa está vermelha.

SENHORITA:

Não é preciso! Muito agradecida!

(Vira-se para o lado, arrumando sua máscara e o cabelo, para cobrir a testa.)

JOVEM SENHORA *sussurrando a uma outra, apontando ANA:*

Que vestido lindo!

OUTRA SENHORA JOVEM:

Para o consolo . . .

VELHO SENHOR *a DON PABLO:*

Então, Don Pablo? Em breve, finalmente,

O rei o chamará para o palácio.

Pois vosso genro . . .

DON PABLO:

Sua Majestade

Não julga pelos genros nossos feitos,

Mas pelos méritos.

VELHO SENHOR:

Infelizmente

Pode esperar sentado muito tempo.

DON PABLO:

Isso conhece de experiência própria?

(Voltando-se para um outro senhor:)

O senhor, conde? Que alegria a nossa!

(DON PABLO, DONA MERCEDES, o COMENDADOR e os CONVIDADOS entram na casa pela porta de baixo. DOMINÓ NEGRO permanece no pátio, retirando-se imperceptivelmente à sombra dos arbustos. Em seguida, ANA com as DAMAS mais jovens aparece no balcão superior. Os EMPREGADOS distribuem limonada e outros refrescos.)

DON JUAN *de máscara, numa fantasia moura, com violão, entra pelo portão para o pátio, coloca-se em frente do balcão e, depois de um curto prelúdio, canta:*

Na minha terra nativa

Há montanha de granito,

No seu pico resplandece

Um castelo de brilhantes.

Ana, minha dor!

No meio deste castelo
Cresce uma rosa fechada:
Sobre as pétalas carrega
Pérolas como sereno.
Ana, minha dor!

A montanha de granito —
Sem escada nem atalho;
O castelo de brilhantes —
Sem portão e sem janelas.
Ana, minha dor!

Mas alguém que vem do céu
Não precisa destas coisas:
Pois eleva-se aos ares
Nas asas do sentimento.
Ana, meu amor!

(Durante a cantiga, DOMINÓ NEGRO sai um pouco dos arbustos e escuta, mas depois se esconde.)

COMENDADOR *aparece no balcão superior, no final da canção:*
Que cantorias estas, senhorita?

ANA: De certo serão mouras, Don Gonzago.

COMENDADOR: Não isso eu pergunto.

ANA: Então, o quê?

(Não esperando resposta, toma um copo de limonada e desce para junto a DON JUAN.)

ANA *a DON JUAN oferecendo-lhe limonada:*

O cavalheiro gosta de refresco?

DON JUAN: Não uso coisas frias, obrigado.

(ANA joga o copo nos arbustos.)

COMENDADOR *vindo atrás dela:*

Aquele canto lhe agradou, Dona Ana?

E ao senhor?

ANA:

COMENDADOR: A mim não agradou.

DON JUAN: Meu canto não o divertiu, senhor?

Pensei: os noivos gostam de escutar
Histórias que falam sobre amores.

COMENDADOR: Seu canto tem um péssimo estribilho.

DON JUAN: Infelizmente tive que mantê-lo,
Assim exige o estilo mauritano.

ANA: Escolhe cantos para fantasias?
(Pelo portão entra um grupo de jovens; os CAVALHEIROS, vendo ANA, cercam-na.)

UM DO GRUPO: Faça uma gentileza, senhorita,
 Na derradeira noite de solteira,
 Enquanto esteja livre dos liames!

ANA: Meus cavalheiros: e qual é o pedido?

PRIMEIRO CAVALHEIRO: Pedimos que a senhora determine
 Quem deve acompanhá-la em cada dança.

ANA: Devo pedir sozinha?

SEGUNDO CAVALHEIRO: Não pedir,
 Deve mandar! Nós todos lhe seremos
 Seus servos, nesta noite!

ANA: Vamos ver!
 O que dirão, no entanto, vossas damas?
 Será que vossas máscaras vos salvam?

TERCEIRO CAVALHEIRO *tirando a máscara:*
 O sol torna as estrelas incolores!

ANA: Esta lisonja, de avançada idade,
 Não tem necessidade de velar-se.
(O CAVALHEIRO de novo coloca a máscara e junta-se ao grupo.)

ANA aos JOVENS: Entrai em fila; eu apontarei.
(Todos se perfilam, DON JUAN no meio.)

COMENDADOR: É um hábito da Andaluzia?

ANA: Sim.

COMENDADOR: Devo também candidatar-me?

ANA: Não.
(COMENDADOR sai.)

ANA: Estão prontos?
(A DON JUAN:) E o senhor também?
 Adepto dum planeta variável?
 Seus hábitos também permitem danças?

DON JUAN: Serão mudados para a mais formosa.

ANA: Pois a primeira honra será a sua.
(DON JUAN se inclina da maneira oriental, colocando a mão direita no coração, nos lábios e na testa; depois cruza os braços no peito e inclina a cabeça. O anel de ouro brilha no seu dedo mindinho.)

DON JUAN: Uma só dança?

ANA: Não haverá outra.
(Aos JOVENS:)
Apontarei cada um daqui presente,
Lembrem-se, qual a sua vez, na dança.
(Rapidamente aponta cada um dos CAVALHEIROS se-
guidamente. Um deles fica sem ser apontado.)

CAVALHEIRO: E eu? E eu? E a minha vez, qual é?

UM DO GRUPO: É a última, parece.
(Risos. O CAVALHEIRO fica sem graça.)

ANA ao CAVALHEIRO: Meu senhor,
Eu dei ao muçulmano a primazia,
Pois estará por último no céu.
Sendo um católico, o senhor, de certo,
Não tem receio do final da fila.

CAVALHEIRO: Pela primeira vez quero ser mouro!

DON JUAN: Sua lisonja não entrou na fila:
A bem-aventurança é seu destino!

ANA bate palmas: Meus súditos! É tempo de dançar!
(Do andar superior ouve-se música. Começam as danças
que se expandem pelo balcão superior e pela galeria.
DONA ANA e DON JUAN lideram o desfile, depois
outros CAVALHEIROS se revezam com o último, suces-
sivamente. O COMENDADOR fica no canto do nicho,
encostado à saliência da parede, olhando as danças.
DOMINÓ NEGRO observa de baixo, sem querer, saindo
para a parte iluminada diante do balcão. DON JUAN,
tendo terminado a dança, debruça-se sobre a balaustra-
da e, notando DOMINÓ NEGRO, desce; porém este se
esconde depressa na sombra.)

GIRASSOL entra do lado, cruzando o caminho de DON JUAN,
e pega sua mão:
É Don Juan, eu sei!

DON JUAN: Eu gostaria
Também de conhecer-te, ó bela flor!

GIRASSOL: Oh, não simule! Eu sou Dona Sol!
(Arranca sua máscara.)

DON JUAN: Desculpe. Em girassol não é tão fácil
Achar o sol.

DONA SOL: Está brincando, acaso?
Não basta seu deboche?

DON JUAN: Qual, senhora?

DONA SOL *sorumbática*: Há pouco estive lá no cemitério.

DON JUAN: Alguém a viu?

DONA SOL: Só isto é que faltava!
De certo, não.

DON JUAN: Então, qual é o problema?
Não é mais divertido este encontro
Na mascarada, em vez do Campo Santo?

DONA SOL *procurando na cintura*: Oh! eu deixei em casa meu punhal!

DON JUAN *com inclinação, oferecendo-lhe seu próprio*: Tome, senhora.

DONA SOL *repelindo sua mão*: Afaste-se!

DON JUAN escondendo o punhal: Não quer?
Em que posso servi-la, então, senhora?

DONA SOL: Não sabe?

DON JUAN: Juro que não sei.

DONA SOL: Acaso
Não lembra mais do que escreveu
na carta?

DON JUAN: Eu lhe escrevi: se sente repugnância
De seu marido, então o deixe e fuja.

DONA SOL: Com quem?

DON JUAN: É necessário companhia?
Que tal a minha? Vou acompanhá-la.

DONA SOL: Aonde?

DON JUAN: A Cadiz.

DONA SOL: Para quê?

DON JUAN: Senhora,
Será que é pouco estar em liberdade?

DONA SOL: O senhor me pediu por um encontro
Para dizer estas palavras?

DON JUAN: Sim.
Por que a senhora veio ao encontro?
Queria, acaso, adoçar um pouco
Obrigações do matrimônio? Eu
Não aprendi como fazer os doces.

DONA SOL *dirigindo-se para a escada do balcão:*

Pagará caro pelo que me disse!

DOMINÓ NEGRO *sai à luz, cortando seu caminho. Com voz mudada:*

E o que dirá, senhora, seu esposo,
Sabendo sobre aquele pagamento?

(DONA SOL corre para atrás da porta. DOMINÓ NEGRO quer esconder-se na sombra, mas DON JUAN o alcança.)

DON JUAN: Quem és, máscara triste?

DOMINÓ NEGRO: Tua sombra!
(Desvencilha-se de DON JUAN e foge para atrás dos arbustos. Corre para o caramanchão e lá se esconde. DON JUAN, perdendo de vista o DOMINÓ NEGRO, dirige-se noutra direção. No balcão superior, DONA ANA dança seguidilhas.)

UM CAVALHEIRO *quando ANA termina a dança:*

A senhora dançou, linda Dona Ana,
Pisando os nossos corações.

DONA ANA: Será?

Pensava ter dançado no assoalho.
Acaso têm uns corações tão duros?

SEGUNDO CAVALHEIRO *chega perto, inclinando-se diante de ANA e convidando-a para a dança:*

Agora é minha vez.

ANA pedindo: Uma pequena trégua!

SEGUNDO CAVALHEIRO: Esperarei; mas dançará comigo?

ANA: Bem entendido, dançaremos logo.

(Levanta-se e se mistura aos CONVIDADOS; desaparece e depois reaparece no pátio, entrando pela escada de baixo. Aproxima-se do caramanchão. DOMINÓ NEGRO sai correndo, sem ruído, e se esconde nos arbustos. ANA deixa-se cair numa larga poltrona no caramanchão.)

DON JUAN *aproxima-se dela:* A senhorita está passando mal?
ANA *endireita-se:*

Estou cansada.

DON JUAN: De escalar o monte?

ANA: Bem, sobretudo me cansei bastante
Das muitas brincadeiras, nesta noite.

DON JUAN: Eu não gracejo.
 ANA: E o que faz, então?
 DON JUAN: Pensei: o que a forçou a desejar
 Um cativo em cima da montanha?
 ANA: Um cativo — não. Mas um castelo,
 Pois os castelos ficam nas montanhas;
 Assim são altaneiros e distantes.
 DON JUAN: Eu aprecio uma distância, quando
 Ela tem base viva e não de pedra.
 ANA: Seria impossível base viva,
 Pois que desabaria, certamente.
 Para uma mente altiva e orgulhosa
 A liberdade está num alto monte.
 DON JUAN: A liberdade não reside ali
 Onde verá só espaços sem limites;
 Terá a consciência de estar amarrada
 Àquela pequenina plataforma
 Que em volta tem abismos insondáveis.
 ANA *pensativa*: Onde no mundo existe liberdade? ...
 Será que numa vida, como a sua?
 De um animal selvagem entre os homens,
 Pois contra os caçadores na caçada
 Só a máscara o protege.
 DON JUAN: Essa caçada

(Tira sua máscara, sentando-se junto a DONA ANA.)

Crê-me, Dona Ana:
 Só aquele está liberto dos grilhões,
 Que foi expulso pelos semelhantes.
 Eu próprio os forcei àquele feito.
 Senhora, veja em mim um ser humano
 Que sempre escuta a voz do coração
 E nunca indaga: "O que dirão os outros?"
 Contemple-me tal, como sou, senhora;
 Eu não confundo mundo com prisão:
 Um barco leve, eu cruzei os mares,
 Tal como fazem aves peregrinas,
 Conheci a beleza de outras margens,

Encanto dum país desconhecido.
Em liberdade, belas são as terras,
Todas as águas refletindo o céu,
Todos os bosques o Éden recordando
Sim . . . isso é vida.

ANA:

(*Pausa. Ouve-se música em cima.*)

DON JUAN:

Estranho! Música . . .

ANA:

O que é estranho?

DON JUAN:

Quando morre alguém
Idoso e débil, todos se lamentam.
Mas, sepultando a jovem liberdade,
Alegram-se.

ANA:

Mesmo o senhor dançou
Há pouco.

DON JUAN:

Se soubesse, senhorita,
O que pensei, então?!

ANA:

O quê?

DON JUAN:

Pensei
Em não deixá-la mais do meu abraço
E, cavalgando desvairadamente,
Chegar a Cadiz.

ANA *levanta-se*:

É demais, senhor,
O que se permitiu a declarar.

DON JUAN:

Cara Dona Ana! É-lhe necessário
Cercar-se destas frágeis proteções
Que devem defender a dignidade?
Não forcerei a honra feminina,
E, creia, não com isso sou temível
Para as mulheres.

ANA *senta-se de novo*:

Ouçá, Don Juan,
Eu não o temo.

DON JUAN:

É a primeira vez
Que escuto estas palavras de mulher.
Será que está se armando de coragem?

ANA:

Nunca a coragem me traiu, senhor,
Na vida inteira.

DON JUAN:

Está segura dela?

ANA:

Estou.

DON JUAN:

Confesse: já sentiu na vida
Sequer por um momento liberdade?

ANA: Nos sonhos.
DON JUAN: E nos devaneios?
ANA: Sim.
DON JUAN: O que lhe impede de tornar o sonho
Realidade? Passe esta soleira
E o mundo inteiro há de se ofertar
A seus pés! Eu lhe darei ajuda
Na sorte e na desgraça, não importa
Mesmo se não me amar. Pois é preciso
Salvar seu livre espírito soberbo.
Dona Ana! Tanto tempo a procurei!
E procurou-me, sem me conhecer?
ANA: E procurou-me, sem me conhecer?
DON JUAN: Eu não sabia só qual é seu nome,
Não conhecia o rosto, mas buscava
Em cada um dos semblantes femininos
Um pálido reflexo dessa estrela
Que brilha nos seus olhos orgulhosos.
Se nós nos separarmos, ficará
A criação de Deus sem sentido.
ANA: Pare, não atrapalhe meu pensar
Com coisas inflamáveis. Não me falta
Coragem de partir para ser livre.
DON JUAN *levanta-se e estende a mão:*
Vamos partir!
ANA: Não basta só coragem.
DON JUAN: O que a impede? São as pérolas
Ou, talvez, a aliança?
ANA: Valem pouco.
(Tira da cabeça o adorno de pérolas e coloca no banquinho; despe a aliança, segurando-a na palma da mão.)
Coloque junto aqui seu anelzinho.
DON JUAN: De que lhe serve?
ANA: Oh, não tenha medo!
Não ficarei com ele. Jogarei
No Guadalquivir, tal qual a aliança,
Quando nós cavalgarmos pela ponte.
DON JUAN: Não, este anel não posso lhe entregar;
Mas todo o resto.

ANA: Nada pedirei.
 Eu quis apenas ver se há no mundo
 Um ente livre, pelo menos, ou
 Se tudo aquilo deve ser chamado
 "O estilo mouro" que não sacrifica
 Um fino anel por sua liberdade!

DON JUAN: Darei a vida toda!

ANA *novamente estendendo a mão:* Seu anel!

DON JUAN: Não é penhor de amor, creia, senhora.

ANA: Um aro de cadeia, então, Don Juan!
 Como não tem vergonha de dizê-lo?

DON JUAN: Minha palavra dei que vou usar
 Esta aliança.

ANA: Sim, sua palavra!
 Eu agradeço, meu senhor, por ter
 Lembrado a mim esta palavra grave.
(Recoloca o adorno na cabeça e pretende partir.)

DON JUAN *deixa-se cair sobre os joelhos:*
 Eu lhe suplico, compreenda!

ANA *com um gesto irado:* Basta!
(Vira-se e vê o COMENDADOR, que vindo da casa se aproxima do caramanchão.)
 Conduza-me, de novo, Don Gonzago,
 Acima, para a galeria.

COMENDADOR: Dize,
 Como é o nome deste cavalheiro?

ANA: É o prometido da Dona Dolores,
 Não tem direito de usar mais um nome.

DON JUAN: Eu tenho um nome, sim: sou Don Juan,
 O nome em toda Espanha conhecido.

COMENDADOR: Será o banido, a quem o nosso rei
 Tirou a honra com os privilégios?
 Ousa pisar nesta honrada casa?

DON JUAN: Os privilégios pode o rei tomar
 E devolver. A minha honra iguala
 A minha espada — ambas são
 inquebráveis.
 Quer convencer-se disso, Don Gonzago?
(Tira a espada e se coloca na postura de duelo.)

COMENDADOR *cruzando os braços:*

Duelar com banido não convém:

Eu sou comendador.

(A ANA:)

Vamos, Dona Ana.

(Pega DONA ANA pelo braço e parte, virando as costas para DON JUAN. Este se lança em sua direção, para trespassá-lo com a espada. Da sombra surge DOMINÓ NEGRO, prendendo com ambas as mãos o braço de DON JUAN.)

DOMINÓ NEGRO *com voz inalterada, deixando perceber-se a voz de DOLORES:*

É desonroso atacar pelas costas!

(ANA se vira. DON JUAN e DOLORES correm pela porta afora.)

COMENDADOR: Não olhe para trás!

ANA: Não há ninguém.

COMENDADOR *solta o braço de ANA e muda o tom de voz de calmo para severo:*

Como ele veio para cá, dona Ana?

ANA: Com título de noivo de Dolores.

COMENDADOR: E precisava, então, ajoelhar-se?

ANA: Quem?

COMENDADOR: Ele aqui, diante da minha noiva?

ANA: Não foi pelo contrário? Pois, então?

COMENDADOR: A senhora lhe permitiu?

ANA: Meu Deus!

Quem pede permissão por estas coisas?

Será que a etiqueta de Castela

Manda aos cavalheiros implorar:

“Peço licença para ajoelhar-me!”

Aqui seriam alvo de deboches!

COMENDADOR: Como sabe se libertar de tudo
Com a risada!

ANA: Tenha dó, senhor!

Se cada vez, mandando passear

Um tolo admirador, Ana devesse

Ainda verter lágrimas, então

Hoje estaria cega! Será mesmo

Que o senhor gostaria de meu pranto?
Talvez preferiria, Don Gonzago,
As confissões sobre um amor culpado
Que arrebatasse o débil coração?
Seria eu Isolda de Tristão;
Mas para tanto falta-me vontade.
Deveras, entregar-se ao fandango
É preferível. Ouça, como tocam!
Subamos, Don Gonzago; eu me lanço
Feito uma onda rendada nesta dança,
Sendo o senhor a rocha inabalável.
Pois sabe a pedra: terminada a dança,
Tranqüila, a onda fica do seu lado.

(O COMENDADOR conduz DONA ANA pelo braço para cima, onde dançam.)

III

Gruta no litoral, na região de Cadiz. DON JUAN está sentado numa pedra e afia sua espada.

SGANARELLE: Por que motivo afia sua espada?

DON JUAN: Por hábito.

SGANARELLE: Pois não se mete mais
Em lutas.

DON JUAN: Já não há com quem lutar.

SGANARELLE: Não há pessoas?

DON JUAN: Todas são indignas
Da minha espada.

SGANARELLE: Ou, talvez, a espada
Não tenha dignidade.

DON JUAN: Como falas!

SGANARELLE: Desculpe a brincadeira, meu senhor!
Não sei donde me vêm estas bobagens —
Parece que me tentam!

DON JUAN: Vai-te embora!

(SGANARELLE, sorrindo, sai. DON JUAN continua afiando a espada.)

DON JUAN: De novo a denteei. Vá para o diabo!
(Joga a espada.)

SGANARELLE *vem correndo, falando baixo, rapidamente:*
Fujamos!

DON JUAN: Tu perdeste teu juízo?

SGANARELLE: Estamos descobertos. Por aqui
Vem vindo um monge.

DON JUAN: Então, de que tens
medo?

SGANARELLE: De certo é espião da inquisição.
E, talvez, um verdugo com punhal.

DON JUAN: Não tenho medo de espiões. E tenho,
Mais longa que punhal, a minha espada.
Conduze o monge; encurtará o caminho.
Dize-lhe que pretende confessar-se
O pecador famoso, Don Juan.

SGANARELLE: De acordo. Eu não sou sua ama-seca!
*(Sai e, logo, traz para a gruta um MONGE de baixa e
fina estatura em hábito com capuz que lhe vela o rosto,
tendo apenas aberturas para os olhos.)*

DON JUAN *levanta-se, com a espada na mão:*
Meu padre, ou, provavelmente, frei,
A que agradeço esta visita pia?
*(O MONGE faz um sinal com a mão, para que SGANA-
RELLE se afaste.)*

Deixa-nos, Sganarelle, agora a sós.
(Vendo que SGANARELLE não se apressa, sussurra-lhe:)
O monge tem mãozinha feminina!

SGANARELLE: Estas mulheres!
{Sai.}

*(DON JUAN coloca a espada na pedra. Do capuz jo-
gado para trás surge o rosto de DOLORES.)*

DON JUAN: Dolores, a senhora, nesta gruta...

DOLORES: Eu vim de novo lhe trazer socorro.

DON JUAN: E quem lhe disse que preciso dele?

DOLORES: Eu sei.

DON JUAN: Pois não estou doente,
Mas, como vê, disposto, livre, forte.

DOLORES: O senhor quer que seja assim, não é?

DON JUAN *fica pensativo um instante, mas logo levanta a cabeça num gesto brusco e teimoso:*

Eu vejo, senhorita, que seu traje
A faz pensar do jeito das beatas.
Não vou me confessar dos meus pecados
Ferindo-lhe os ouvidos de donzela . . .

(DOLORES silenciosamente tira dois róis de pergaminho, entregando-os a DON JUAN.)

Desculpe-me, Dolores! Eu não quero
Causar-lhe sofrimento. Sinto muito.
O que me trouxe?

DOLORES: Pergaminhos. Leia.

DON JUAN *rapidamente olhando os pergaminhos:*

O rei me envia este decreto? O papa
Manda esta bula? Todos os pecados,
Todos os crimes são-me perdoados?
Como foi que consegui estas coisas?

DOLORES *baixando seus olhos:*

Não desconfia?

DON JUAN:

Cara senhorita!
Eu compreendo. Certamente veio
Com uma dívida comprometer-me.
Sim, a pagar já estou acostumado
As minhas dívidas.

DOLORES: Não vim por isso.

DON JUAN:

Eu acredito. E, no entanto, creia
Que não sofri falência. Eu lhe dei
Uma aliança, como meu penhor.
Agora não estou banido mais,
Sou, sim, fidalgo espanhol. Com honra
Pode me desposar.

DOLORES *com um gemido:* Meu santo Deus!

Eu pressenti que iria dizer isso . . .
Assim eu devo sepultar agora
Meu derradeiro sonho . . .

(Sua voz é cortada pelo espasmo de choro.)

DON JUAN:

Senhorita,
Eu a feri?

DOLORES: Tenho certeza: não renunciará;
 Não é a primeira vez que uma mulher
 Padecerá por sua causa.

DON JUAN: Diga!
 Se não se confessar, eu pensarei
 Que os conseguiu por meios desonestos,
 Pois que os honrados meios são abertos.

DOLORES: “Honrados”, “desonestos” — estas coisas
 Agora são distantes. Eu paguei
 Pelo decreto, com meu próprio corpo.

DON JUAN: Como?!

DOLORES: Não posso lhe contar agora:
 Mas deve conhecer cada manejo
 Na corte. Lá se paga ou com ouro,
 Ou de outra maneira . . .

DON JUAN: Que terrível!

DOLORES: Terrível, Don Juan? Tem medo, acaso?

DON JUAN: Acaso não o tem, Dona Dolores?

DOLORES: Por que devo temer pelo meu corpo
 Se eu não tive medo de pagar
 Com a alma pela bula que lhe trouxe?
 Quem paga com sua alma?

DON JUAN: Quem?

DOLORES: Nós, mulheres,
 Amando muito. Sinto-me feliz
 Que com minha alma posso resgatar
 A sua. Poucas têm esta ventura.
 O Santo Padre lhe liberta a alma
 Das penas infernais, porque aceitei
 Por seus pecados penas vitalícias
 E penitência dentro de um convento
 De severíssima ordem. Fiz promessa
 De silenciar e de supliciar-me.
 Devo deixar o mundo com seus dons,
 Todos os sonhos, todos os desejos.
 Eu lembrarei sua alma, renegando,
 Com isso, minha própria. Padecer
 Deve minha alma lá no outro mundo
 Por seus pecados graves, meu amigo.
 Adeus!

(DON JUAN silencia abalado. DOLORES parte, detendo-se pela última vez:)

Ainda derradeira vez
Quero fitar estes queridos olhos,
Pois nunca mais irão iluminar
A minha vida na profunda sombra
Da triste solidão. Tome de volta
O seu retrato.

(Tira seu medalhão e coloca-o na pedra.)

Devo só pensar
Em sua alma.

DON JUAN:

E se eu confessasse
Que só um instante de felicidade
Com a senhora para mim parece
Mais precioso que o eterno céu?

DOLORES *com êxtase, como mártires nas imagens:*

Suplico, não me tente, Don Juan!
Esta verdade só pela metade...
Oh, se pudesse convencer inteiro
Meu coração atento... Santa Virgem!
Permita completar meu sacrifício!
Oh, meu amigo! Dize-me palavras
De amor. Não tema, que as aceitarei.
Eis seu anel.

(Tira-o, querendo entregá-lo a DON JUAN, mas sua mão se abandona e o anel rola no chão.)

DON JUAN *pega o anel e coloca-o novamente no dedo de DOLORES:*

Não o receberei
De volta. Deve usá-lo, senhorita,
Ou entregar no altar da Virgem Santa,
Como quiser. Esta aliança pode
Pertencer a uma monja, pois não traz
Lembranças de pecado.

DOLORES *baixo:*

Isto é verdade.

DON JUAN:

Eu nunca vou me desfazer da sua.

DOLORES:

De que lhe serve?

DON JUAN:

A alma também tem
Suas necessidades, como o corpo.
Quero que o compreenda sem palavras.

DOLORES: É tempo de partir. Eu lhe perdô
Por tudo.

DON JUAN: Oh, não obscureça assim
Claras lembranças deste belo instante!
O que pretende perdoar? Eu vejo
Que aqui não tenho culpa a deplorar:
Por minha causa, conseguiu chegar
Aos mais sublimes cumes de pureza!
Devo ser perdoado por aquilo?
Talvez só tenha errado o justo termo?
Num coração atento, esta palavra
Não deveria se manifestar,
Não há necessidade, para erguer-se
Acima de sua honra ou desonra.

DOLORES: Parece que as palavras são supérfluas.
(*Quer partir.*)

DON JUAN: Dolores, pare . . . Será que em Madrid,
Encontrou a senhora de Mendoza?

DOLORES *pára:* Pergunta *a mim* notícias sobre ela?

DON JUAN: Cedo demais pretende virar monja!

DOLORES *vencendo-se a si própria:*
Sim, eu a vi.

DON JUAN: Feliz?

DOLORES: Sou mais do que ela.

DON JUAN: Como é que sabe?

DOLORES: Sinto com minha alma.

DON JUAN: Eu só queria saber isso.

DOLORES: Adeus.

DON JUAN: Não me pergunta por que estou curioso?

DOLORES: Não pergunto.

DON JUAN: Sente pesar por isso?

DOLORES: Adeus. Eu não busquei caminho fácil.

DON JUAN: Adeus. Eu nunca a trairei, Dolores.
(*DOLORES cobre apressadamente o rosto com o capuz
e sai da gruta, sem olhar para trás. SGANARELLE
entra e olha DON JUAN com reprovação.*)

DON JUAN *mais para si do que para o servo:*
Que formosíssima alma cultivei!
De quem? A sua?

SGANARELLE: Cínica pergunta,
Embora inconsciente.

SGANARELLE: Pensa assim?
 DON JUAN: O que matutas?
 SGANARELLE: Eu o vi, senhor,
 Sendo martelo ou bigorna, nunca
 Como ferreiro.

DON JUAN: Ainda me verás.
 SGANARELLE: Que pena! Tudo terminou!
 DON JUAN: O quê?
 SGANARELLE: Viverá no convento seu destino.
 DON JUAN: Tu estavas escutando?
 SGANARELLE: Bem, senhor,
 Quem tem um empregado, tem também
 Um confissionário . . .

DON JUAN: Tens coragem
 De admitir tua falta de maneiras?
 SGANARELLE: Eu sou humilde servo de um senhor
 Famoso pela generosidade.
 DON JUAN: Não tagareles! Foi-se minha sombra,
 Não meu destino. Vamos a Madrid!
 Sela nossos cavalos. Cavalguemos
 À conquista do fado! Vamos! Marcha!
 (SGANARELLE sai. DON JUAN toma a espada e, sor-
 rindo, a alisa, experimentando sua lâmina com a mão.)

IV

Morada do COMENDADOR em Madrid. Quarto de DONA ANA, grande e luxuoso, mas mantido em tons escuros. Altas, estreitas janelas com balcões quase tocam o chão, com persianas abaixadas. DONA ANA, num vestido cinza e preto de semiluto, está sentada junto à mesinha, escolhendo dentro de um cofre jóias que experimenta, olhando-se no espelho.

COMENDADOR *entrando*: Por que se enfeita?
 ANA: Estou olhando as jóias,
 Amanhã quero ver uma tourada.
 COMENDADOR: No semiluto?
 ANA, *aborrecida, afasta as jóias*: Oh, eternos lutos!
 Quando se findarão na minha vida?
 COMENDADOR *tranqüilamente*:
 Só oito dias mais dura este luto,
 Pois por um tio não é muito longo.

ANA: A mais interessante coisa é esta:
Que nunca com meus olhos vi seu tio.

COMENDADOR: Isso não muda os fatos. A senhora
Pertence agora à casa de Mendoza
E lhe convém respeitar a memória
Dos parentes.

ANA: Que Deus lhes dê saúde!
Pois hoje temos luto pelo tio,
Mas já tivemos pela tia e, antes,
Se não me engano, faleceu um primo
De quarto grau, ou um sobrinho
De quinto . . .

COMENDADOR: Por que está aborrecida?

ANA: Só quis lembrar os dias que tivemos
Sem luto, desde o nosso casamento.

COMENDADOR: Um mês.

ANA *ironicamente*: Ah! De verdade, é muito tempo!

COMENDADOR: Seu descontentamento surpreende.
Será que por motivos tão banais,
Como um divertimento, está disposta
A descuidar de nobres tradições?

ANA *levanta-se*: Será que estou relapsa nos costumes,
Ou fiz alguma coisa censurável?

COMENDADOR: Isso nem entra em consideração;
Mas, para nós, o mínimo descuido
Pode causar ruína. Não esqueça:
Meu manto de comendador foi ganho
Não pelos rogos, ouro ou violência,
Mas por valor. Todos os de Mendoza
São ditos cavalheiros exemplares,
Todas as damas, impecáveis. Creia,
O povo poderia censurá-la,
Caso amanhã . . .

ANA *irritada*: Eu vou ficar em casa.

COMENDADOR: Não há motivo para reclusão.
Iremos amanhã para a igreja.

ANA: Eu preferia não sair de todo.

COMENDADOR: Nós somos obrigados. Frei Inhigo
Fará um sermão durante a liturgia.

ANA: As prédicas do frade são a coisa
Mais enfadonha deste mundo!

COMENDADOR: Sim,
Estou de acordo. Mas, infelizmente,
Nossa rainha gosta muito delas,
Então, a corte inteira vai ouvi-las.
Quando entre as damas faltar só a senhora,
Isso será notado.

(ANA suspira silenciosamente. O COMENDADOR tira do bolso um rosário de cristal "fumé".)

Tome, peço,
É para o semiluto, pois mais tarde
Dar-lhe-ei um rosário de ametistas.

ANA toma o rosário:

Para que tanto luxo?

COMENDADOR: Minha esposa
Deve ser superior a outras damas.
Quando chegarmos amanhã à igreja,
Não deixe que a senhora Conceição
Tome o lugar ao lado da rainha.
Este lugar é nosso. Não se esqueça.
Lembre constantemente: para nós
É destinado assento de destaque,
Pois nós o merecemos, e ninguém
Nos substitui. Disso deram prova
A honra da família de Mendoza
E o estandarte do meu alto cargo.
Se, por acaso, Dona Conceição
Ou a rainha se esquecerem disso,
Eu imediatamente deixo a corte,
E atrás de mim todos os cavalheiros.
Então, Sua Majestade que segure
Com as mãos a coroa na cabeça
Para que não vacile! Não me falta
Coragem de insistir nos meus direitos,
Mais: é mister que sejam bem visíveis;
Por isso é importante que cuidemos
Não só da nossa honra, mas também
Dos mínimos detalhes da etiqueta,
Mesmo que lhe pareçam enfadonhos...
Ó santa paciência!

ANA:

COMENDADOR: Sim, senhora,
É necessário que ela nos ajude,
Quando queremos nos manter no cume
Dos privilégios que exigem deveres.
Pois privilégios sem obrigações
São anarquia.

(ANA suspira novamente.)

Está suspirando?

Mas a senhora muito bem sabia
Que obrigações teria, me esposando.
Com lucidez tomou o seu destino.
O seu remorso veio atrasado.

ANA orgulhosa: Quem fala de remorso, Don Gonzago?
O senhor tem razão. E me perdoe
Por meus caprichos. Eles já passaram.

COMENDADOR: Eis as palavras dignas da grandeza!
Agora reconheço minha esposa.
Desculpe-me se, por alguns instantes,
Não confiei na sua fortaleza.
Senti-me tão sozinho. E o esforço
Para subir o degrau derradeiro.
Me parecia tão pesado...

ANA: Como?
Mais alto está só o trono!

COMENDADOR: Sim, o trono.
(Pausa.)

Eu lhe teria revelado tudo,
Se visse que partilha dos meus sonhos...
Mas o senhor não viu...

ANA: Somente agora.

Agora, cada passo eu vou dar
Com minha esposa. O altaneiro cume
Terá seu verdadeiro diadema
Quando uma águia nele fizer ninho.
Uma águia?

ANA: Sim, só águia é capaz
COMENDADOR: De construir em pico liso e duro
Uma morada firme e duradoura
E lá viver, sem medo das vertigens,
Flechas do sol, tormentas dos trovões.
A sua recompensa — são alturas...

ANA *continuando*: Nos ares das montanhas, sem o aroma
Dos vales lisonjeiros. É verdade?

COMENDADOR: Sim. Dê-me a mão.
(ANA *lhe dá a mão que ele aperta.*)
E boa noite.

ANA: Vai?

COMENDADOR: Para o Conselho. Se eu demorar,
Não deve me aguardar, vai se deitar.
(*Sai. ANA senta-se, pensativa. Entra a cama-
reira MARIQUITA.*)

ANA: Tu, Mariquita? E onde está minha aia?

MARIQUITA: Sentiu-se cansada e resolveu
Deitar-se um pouco. Se quiser, no entanto,
Eu vou chamá-la.

ANA: Não é necessário.
Só trança-me os cabelos para a noite
E poderás deitar-te.

MARIQUITA *trançando os cabelos de ANA*: Eu queria
Dizer alguma coisa. Só esperei
Que o senhor Don Gonzago fosse embora...

ANA: Não tenho do senhor segredos, moça.

MARIQUITA: Naturalmente, todos sabem disso,
Que a senhora Dona Ana é uma santa.
Assim eu disse para este criado
Que trouxe flores . . .

ANA: De que flores falas?

MARIQUITA: Há pouco veio um servo com buquê
De flores de granada . . .

ANA zangada: Ousadia!

MARIQUITA: As flores de granada, para mim!

MARIQUITA: Sim, é verdade: parece arrogância,
Pois flores de granada — são paixão;
Mas — por que eu explico? Todos sabem.

ANA: De quem são estas flores, Mariquita?
Quem ousa me ofender?

MARIQUITA: O portador
Não disse o nome do senhor que as manda;
Só: "Leve-as à Dona Ana, da parte
Do seu mouro fiel."

ANA *confundida*: Eu não as quero!

MARIQUITA: Vou lhe mostrar, ao menos!

ANA: Para quê?
(MARIQUITA não obedece, sai correndo e volta logo com um buquê de flores de granada vermelhas.)

ANA *afastando as flores com a mão:*
 Atira-as fora!

MARIQUITA: Posso, então, ficar
 Com estas flores, senhora Dona Ana?
 São tão viçosas . . .

ANA: Pode, se quiser.

MARIQUITA: Logo me enfeitarei!

ANA: Vai, Mariquita.

MARIQUITA: Seria bom abrir esta janela.
 Está abafado aqui.

ANA *pensativa, sem prestar atenção:*
 Como quiser.

MARIQUITA *abrindo:*
 E a persiana?

ANA: Não, a rua espia.

MARIQUITA *abrindo a persiana:*
 Que rua! Nesta hora está vazia!
 Aqui não é Sevilha! Lá se ouvem
 Cantigas e guitarras ressoar,
 E rodopia o vento na ágil dança;
 Mas o ar daqui parece a própria pedra.

ANA *nervosa:* Pára!
(MARIQUITA, falando, debruça-se na janela e olha em torno; de repente faz um gesto, como se atirasse algo.)

ANA *reparando:* Que fazes Mariquita?

MARIQUITA *inocentemente:* Nada.

ANA: Tu jogaste uma flor pela janela?

MARIQUITA: Apenas, espantei a mariposa . . .
 Quer mais alguma coisa?

ANA: Podes ir.

MARIQUITA *faz reverência:*
 Eu lhe desejo lindos, lindos sonhos . . .
(MARIQUITA sai, deixando no quarto as flores de granada. ANA olha para trás, em direção à porta e toma com a mão trêmula o buquê, olhando-o com saudade.)

ANA *em voz baixa*:

Do fiel mouro . . .

(DON JUAN, sem ruído, agilmente sobe pela janela, joga-se de joelhos diante de ANA, cobrindo suas mãos e sua veste com beijos.)

ANA *largando o buquê, fora de si*:

O senhor?!

DON JUAN:

Sim, sou eu, minha senhora!
Seu mouro e cavalheiro mais fiel!

ANA *voltando a si*:

Senhor, quem permitiu . . .

DON JUAN:

Debalde
Seus fingimentos, Ana. Eu a vi
Acariciando as flores.

ANA:

Por acaso.

DON JUAN:

Eu abençoô tais acasos, Ana.

(*Estende seus braços. ANA faz um gesto de defesa.*)

ANA:

Eu lhe peço, senhor, que vá!

DON JUAN:

Tem medo?

ANA:

Não devo recebê-lo.

DON JUAN:

Que palavras
Sem ânimo. Eu lembro aquelas outras!
Oh, Ana! Os nossos sonhos, onde estão?
Os sonhos de donzela — um mero conto
De fadas.

DON JUAN:

Pois é o nosso próprio conto:
Nasceu no cemitério entre risos
E lágrimas, desabrochou na dança,
Cresceu no afastamento . . .

ANA:

Mas agora
Deve acabar.

DON JUAN:

E não será mais sonho:
O cavalheiro salvará a princesa
Desta prisão de pedra, principiando
O livre canto da felicidade!

ANA *balançando a cabeça*:

O conto, às vezes, pode terminar
Voltando seu herói de mãos vazias,
Pois que era tarde para o salvamento.

DON JUAN: Contos de fadas não admitem isso!
Assim ocorre só no cotidiano,
E no comum.

ANA: Mas eu não mais preciso
De sua salvação, de seu conforto.
Não peço nada do senhor, tampouco
Pretendo me queixar.

DON JUAN: Caríssima Ana!
Acaso eu não vejo?
(*Carinhosamente:*)
Estes olhos
Brilhantes, fulgurantes, orgulhosos —
Agora emoldurados pelo luto
Que, impiedoso, abafa o belo fogo;
Então as mãos, iguais a flores meigas,
Agora semelhantes a marfim,
Quais mãos de mártires . . . O esguio corpo,
Uma onda, tão flexível e altaneiro, —
Uma cariátide parece agora
A sustentar o peso de uma pedra.
(*Toma sua mão.*)
Vem se livrar, querida, deste fardo,
Quebrar a pétreia veste.

ANA *sem força*: Eu não posso . . .
A pedra não somente pesa e fere,
Mas petrifica a alma . . .

DON JUAN: Não, minha Ana!
É apenas um terrível pesadelo;
Acorde, pelo fogo da paixão!
(*DON JUAN pega DONA ANA nos braços; ela baixa a cabeça no seu ombro e soluça.*)
Ana, seu pranto clama por vingança!
(*Ouve-se de longe o ranger da chave na fechadura, depois pesados, lentos passos do COMENDADOR na escada.*)

ANA: São passos do Gonzago! Vai embora!

DON JUAN: Fugir? Agora não sou obrigado
A lhe deixar desimpedida a rota.

COMENDADOR *entra e depara com DON JUAN*:
Que faz aqui?

DON JUAN: Eu vim agradecer
 Sua profunda magnanimidade
 Para comigo outrora. Como sabe,
 Somos iguais agora, meu senhor.
(O COMENDADOR silenciosamente tira a espada, DON JUAN faz o mesmo, postando-se para o duelo. ANA exclama.)

COMENDADOR *voltando-se para ela:*
 Ordeno que se cale.
(DON JUAN vara seu pescoço; o COMENDADOR cai e morre.)

DON JUAN: Eis o fim
(Limpa sua espada no manto do COMENDADOR.)

ANA a DON JUAN:
 O que fez, Don Juan?

DON JUAN: Eu só venci
 Meu adversário num duelo justo.

ANA: Ninguém vai chamar isso de duelo:
 Será punido pelo homicídio.

DON JUAN: A mim — tanto me faz .

ANA: Mas não a mim.
 Não quero ficar viúva duas vezes:
 Do meu marido e mais — do meu amante.

DON JUAN: Ainda não me chamo seu amante.

ANA: Isso sabemos nós. Quem dará fé?
 No ninho destas vespas, eu não quero
 Ficar com o labéu de uma traidora.

DON JUAN: Fugamos juntos!

ANA: O senhor tem juízo?
 Quer uma pedra carregar na fuga?
 Suma daqui depressa, pois, se não,
 Eu gritarei que estava pretendendo
 Me seduzir, tendo furtivamente
 Matado meu esposo.

DON JUAN: Oh, Dona Ana!
 Diria assim? É mesmo?

ANA *firmemente:* Eu diria.

DON JUAN: E quando eu disser que fora amante
 E cúmplice do crime?

ANA: Não é digno
Dum cavalheiro.

DON JUAN: E digno duma dama?

ANA: Eu só defendo minha honra. Quando
Sumir daqui, eu logo espalharei
Que fomos vítimas de assalto armado,
E todos vão acreditar em mim.

(DON JUAN permanece indeciso.)

Não pense, Don Juan, vá sem demora!

(DON JUAN, calado, desce pela janela. ANA olha um instante atrás, esperando que ele se afaste. Depois toma jóias do cofre, joga pela janela e grita:)

Socorro! Assalto! Ajudem, boa gente!

(A seu grito correm pessoas, ela finge desmaiar.)

V

Cemitério em Madrid. Monumentos, em geral, de pedra escura, de estilo severo. Ao lado, capela de granito de arquitetura antiga. Ausência de plantas e flores. Dia frio de inverno. DONA ANA, de luto fechado, vem carregando nas mãos uma coroa prateada. Atrás dela segue uma velha AIA. Ambas se aproximam do túmulo, onde está erguido o monumento do COMENDADOR — uma estátua alta com bastão de chefia na mão direita, a esquerda apoiada numa espada, sobre cujo cabo há um pergaminho desenrolado. ANA, silenciosamente, se põe de joelhos diante do túmulo, coloca a coroa junto do pedestal da estátua e deixa passar as contas do rosário, mexendo com os lábios.

AIA depois de ANA ter rezado uma dezena:

Atrevo-me a pedir-lhe permissão
Para ausentar-me só por um instante:
Quero chegar à casa da parenta
Que mora logo junto ao portão,
Para pedir-lhe luvas. Esqueci
As minhas, e faz tanto frio hoje.

ANA: Não fica bem que eu fique sozinha.

AIA: Senhora, tenha pena de mim, pobre!
A gota me maltrata, veja só,
As minhas mãos incharam. Não dormi
A noite toda.

ANA *olhando as mãos da AIA:*

Estão inchadas, mesmo.
Vá se quiser, mas não demore muito!
A senhora é um anjo de bondade!

(*Sai.*)

(*Mal a AIA desapareceu, por detrás de um monumento próximo aparece DON JUAN. ANA fica sobressaltada.*)

DON JUAN: Enfim eu a revejo!

ANA: Don Juan,
Foi o senhor quem corrompeu minha aia?

DON JUAN: Não, acertei o instante. Mas se fosse,
Seria sua culpa só, senhora.

ANA: Oh, minha!

DON JUAN: Sim, Dona Ana. Quem me força
Passar no Campo Santo longas horas
A sua espera? Para ter a sorte
De assistir a um comovente espetáculo.
Como, sob a tutela de sua aia,
Fica rezando rezas insinceras
No túmulo do "inesquecível" . . .

ANA *detendo-o com um gesto:* Pare!
Antes de tudo, aqui ninguém o força;
E as orações que rezo são sinceras,
Pois fui, embora sem querer, a causa
Da morte do meu nobre companheiro
Que me estimava e respeitava muito.

DON JUAN: Senhora, que progresso? Parabéns!

ANA: De quê?

DON JUAN: Dos fingimentos!

ANA: Não preciso

Ouvir estes insultos.

(*Pretende partir.*)

DON JUAN *segurando sua mão:* Oh, Dona Ana, espere!
Eu não a deixo!

ANA: Vou gritar, então!

DON JUAN *largando sua mão:*
Eu peço que me escute.

ANA: Se deixar
Este tom arrogante, escutarei.
Apenas seja breve, pois alguém
Pode chegar e ver-nos sós aqui,
Mas isto eu não quero.

DON JUAN: Pois me admiro
De que suporte o jugo voluntário!
Pensei: quebrou-se a pedra que oprimia,
Caiu o peso, livre está a escrava!
Parece, entanto, que seu pétreo manto
Tornou-a mais petrificada ainda,
Ele sugere a mim uma bastilha:
Portas fechadas, persianas densas
Não deixam penetrar nenhuma réstea,
Incorruptíveis seus armados servos . . .

ANA: Parece que tentava corrompê-los!?

DON JUAN: O desespero tem os seus direitos.
Pois, quando eu chegava normalmente,
Ouvia só: “A senhora não recebe.”

ANA: Pense o senhor: será que fica bem
Para uma jovem viúva, no seu luto,
Já receber em casa um cavalheiro
Da sua fama?

DON JUAN: Eu não compreendo.
Parece que estou perdendo o juízo! . . .
É a mesma? Sim, a mesma formosura,
Mas, as palavras! Quem lhas ensinou?
Quem permutou sua alma, tão formosa?

ANA: Ninguém trocou minha alma, Don Juan,
Desde a nascença tive-a orgulhosa,
Continuando assim. Eu me tranquei
Em uma inacessível fortaleza,
Para que o povo não cochiche: “Eis,
A viúva está contente na soltura.”
Toleraria essas ofensas? Diga.

DON JUAN: Acaso minha espada falhará?

ANA: E pode, então, despovoar Madrid?
Será que poderia com a espada
Cortar todos os risos e sussurros,
Piadas, zombarias, assovios
Que sempre me enfrentassem no caminho?

DON JUAN: Fugamos, Ana!

ANA: Ha-ha-ha!

DON JUAN: Está rindo?

ANA: Prefere que boceje, então?

DON JUAN: Senhora!

ANA: Pela terceira vez me disse assim —
De certo, pode aborrecer!

DON JUAN: Eu vejo:
É pedra só, sem alma e sentimento.

ANA: Mas resta inteligência, não concorda?

DON JUAN: Oh, sim, sem dúvida!

ANA: Veja: por que
Fugir agora? Isso não terá
Sentido. Quando seduzia moças,
Roubava esposas dos maridos — sim,
Então era mister fugir com elas.
Quem é banido, aquele é fugitivo.
Mas exilar-se agora, sem razão?
Para levar a viúva, independente?
Ridículo parece e insensato.
O que seria eu lá no estrangeiro,
Se lhe seguisse como tantas outras?
Apenas um brinquedo passageiro.

DON JUAN: Eu não amei ninguém como a senhora!
É para mim o templo mais sagrado.

ANA: Por que tirou do pedestal seu templo?

DON JUAN: Eu a queria viva, não de pedra.

ANA: A pedra é necessária quando alguém
Pretende edificar solidamente
Felicidade e vida.

DON JUAN: Não parou
Ainda de esperar uma ventura
De pedra? Acaso não a vi ofegante
Embaixo dela? Não senti seu pranto
No próprio ombro? As lágrimas . . .
Não foram
Elas culpadas pela morte dele?

(*Aponta a estátua do COMENDADOR.*)

ANA: Ele inocentemente foi embora.

DON JUAN *recua sentido*:
Pois, se é assim . . .

ANA: Ele não teve culpa
Por minha escravidão. Ele aturava
A dele a vida toda.

DON JUAN: Por querer.

ANA: Também casei-me de livre vontade.
Mas sua escravidão era mais leve,
Por ter me amado. Sim, é venturoso
No cume ensolarado colocar
Um ente amado!

DON JUAN: Pois a seu respeito
Já sabe minha opinião, senhora!

ANA: Que quer dizer "opinião", senhor?
Minha prisão à rígida etiqueta
Não me pareceria tão terrível,
Se eu soubesse que na fortaleza
Me aguarda meu querido; que as com-
portas
E as fechaduras fortes só defendem
Nossas delícias dos curiosos olhos...

DON JUAN: Ana, a senhora queima com palavras,
Tal qual um ferro em brasa, o coração:
Esboça um quadro de felicidade
Para dizer-me enfim: "Não para ti!"
Com que eu posso merecê-la? Sofro
Por sua causa, do escondido mal.
Como um condenado estou andando
Em meio de inimigos, suportando
A vida insossa, indigna e sem razão.
O que espera de mim? Devo jogar
A amada liberdade a seus pés?
Sabe? No desespero veio-me este
Absurdo pensamento.

ANA: Em desespero?

DON JUAN: Será que pensaria colocar
A coação no meio de nós dois?
Não teme que estrangule o nosso amor,
Fruto da liberdade?

ANA *apontando a estátua do COMENDADOR*:
Ele disse:
"Não é o amor que teme o juramento."

DON JUAN: Neste momento sabe só citar
Palavras dele e nada mais, senhora?
ANA: O que o senhor deseja que eu diga?
DON JUAN: Isso deve acabar! De outro modo
Eu juro que me entrego prontamente
As mãos da inquisição!
ANA: É uma ameaça?
DON JUAN: Não ameaça, mas mortal gemido,
Pois agonizo embaixo duma pedra!
O coração se parte. Eu não posso
Viver com ele morto. Salve-me, Ana,
Ou mate-me de vez!

(Aperta suas mãos, tremendo o corpo todo, olhando nos seus olhos.)

ANA: Me dê uma trégua . . .
Devo pensar . . .
(Reflete.)

(Do lado da porta aproxima-se, pelo caminho, DONA CONCEIÇÃO, uma fidalga severa, com uma MENINA e uma AIA. ANA não as vê, estando de costas para o caminho. DON JUAN primeiro depara com elas e larga as mãos de ANA.)

MENINA correndo para ANA:

Bom dia, Dona Ana!

DONA CONCEIÇÃO: Dona Ana está rezando; não perturba!

ANA confusa: Bom dia, Dona Conceição. Bom dia,
Rosina . . . Que aborrecimento tenho:
A minha aia foi buscar as luvas
Na casa da parenta e eu não posso
Voltar sozinha . . .

DONA CONCEIÇÃO: Está presente aqui
Um cavalheiro que lhe poderia
Servir de escolta.

(A DON JUAN:)

Senhor de Maranhã,

Eu não sabia de seu parentesco
Com a senhora de Mendoza. Deve
Fazê-la distrair-se desse luto,
Está quase adoecendo de saudade . . .

(Para a MENINA que correu à frente:)

Rosina, espera!

(A ANA:) Eu a cumprimento!

(DON JUAN se inclina. DONA CONCEIÇÃO mal lhe acena com a cabeça e passa com a MENINA atrás da capela para o outro lado do cemitério. A AIA segue, virando, curiosa, várias vezes a cabeça em direção a ANA e DON JUAN.)

ANA a DON JUAN: Agora vá matar aquela dama!
Mas isso, ainda, não trará sossego
À sua espada! Alegre-se, Don Juan!
Agora não precisa mais salvar
Sua princesa lá dos altos cumes,
Pois tombará sozinha.
(Prende sua cabeça com as mãos.)

Eu sabia
Que, na emboscada, estava me espiando,
Para que eu, uma vez na desgraça,
Caísse-lhe nas mãos, qual presa fácil.
Mas isso não ocorrerá!

DON JUAN: Eu juro,
Não quis prejudicá-la, creia em mim.
Vitórias indignas não procuro.
Com que se pode reparar o mal?
Eu estou pronto a tudo, é só mandar.
Não quero vê-la neste desespero.
(Pausa. ANA está pensando.)

ANA: Venha cear comigo em minha casa.
Eu o receberei. E chamarei
Outras pessoas. É melhor mostrar-nos
Aos olhos da cidade... Eis minha aia!

AIA aproximando-se:
Perdoa-me, senhora...

ANA: Não tem culpa
Por ser idosa demasiadamente
Para o serviço.

AIA penalizada: Oh!...

ANA: Vamos embora!
(Silenciosamente acena com a cabeça a DON JUAN: este se inclina profundamente. ANA e a AIA se afastam.)

SGANARELLE *sai da capela:*

Então, posso cumprimentá-lo hoje?
Já recebeu convite para a ceia?
Parece que, no entanto, não se alegra.
Deve ser bem estranho: ser servido
Nos pratos do severo anfitrião . . .

(*Mostra a estátua do COMENDADOR.*)

DON JUAN: Por quê?

SGANARELLE: Pois, se viesse de repente,
No meio do banquete e se sentasse
À sua frente . . .

DON JUAN: Pensas que, talvez,
Ficasse amedrontado? No passado
Eu tive muita honra em conhecê-lo.

SGANARELLE: O morto é mais terrível do que o vivo
Para os cristãos.

DON JUAN: Não para mim, de certo.

SGANARELLE: Mas o senhor não o convidaria
Para cear, não é?

DON JUAN: Não se convida
O anfitrião.

SGANARELLE: Avisam-no, ao menos.

DON JUAN: Então, avisa-o respeitosamente!
Parece que aprendeste modos finos
Desde que estás servindo um grão-senhor,
Não um banido.

SGANARELLE: Como devo, então,
Falar-lhe? Em seu nome?

DON JUAN: Com certeza.

SGANARELLE: Não, fale-lhe sozinho, meu senhor!

DON JUAN: Antes, cuidaste de etiqueta; agora
Preferes que eu fale? Sganarelle,
Ficaste intimidado? Como vejo,
Madrid não te estimula na coragem!

SGANARELLE: E ao senhor Madrid tem feito bem?

DON JUAN: Dirige-lhe a palavra sem demora!

SGANARELLE *dá alguns passos, virando-se para DON JUAN:*

O que farei, se receber resposta?

DON JUAN: Sem dúvida, vais receber, não temas!

SGANARELLE *vai para junto da estátua, inclina-se profundamente e fala de maneira zombeteira, embora com voz trêmula:*

Ilustre, inabalável grão-senhor!
Receba cumprimentos do meu dono
Don Juan de Maranha, cavalheiro,
Marquês de Tenório. O meu amo
Excelsa honra teve em receber
Convite de sua esposa, Dona Ana,
Para um jantar na sua residência;
No entanto, se não for de seu agrado,
O meu senhor declinará o convite.
Este item é desnecessário.

DON JUAN:

SGANARELLE:

Não.

De outro modo — para que o aviso?

(Exclama:)

Senhor! Ele lhe dá resposta escrita!

Que espécie de resposta?

DON JUAN:

SGANARELLE lendo:

“Venha. Espero.”

(Don Juan chega perto. SGANARELLE aponta o pergaminho na mão esquerda da estátua.)

DON JUAN *depois de uma pausa:*

Parece que, também, sou avisado.

(Sai do cemitério.)

VI

Salão de festa na residência do COMENDADOR: não muito amplo, porém bem enfeitado com armários esculpidos, cristaleiras com louça fina, armaduras, etc. No meio está uma longa mesa, posta para a ceia; em torno, pesados assentos de carvalho. Numa parede contra a cabeceira da mesa está um grande retrato do COMENDADOR com um véu de luto na moldura; do lado oposto, um espelho longo e estreito que alcança o chão; o assento junto à cabeceira fica com o espaldar contra o espelho, fitando o retrato. O servente abre a porta do aposento vizinho, outros servos preparam-se para servir a mesa. DONA ANA faz entrar um grupo de CONVIDADOS, na maior parte, de idade avançada: sérios, orgulhosos, trajados de escuro. ANA, de vestido branco, com um debrum de larga fita preta.

ANA: Queiram sentar-se, caros convidados.
(*Para o CONVIDADO mais idoso, apontando o lugar principal:*)

Este é o seu lugar.

CONVIDADO: Cara senhora,
Desculpe, eu não posso me sentar
Neste lugar. Que fique, pois, vazio!
Nós teremos uma ilusão de que
O dono desta casa se atrasou
E ainda pode aparecer à festa.
Pela primeira vez nos reunimos
Depois da sua morte, e é penoso
Acostumar-se com o triste fato:
A morte já apagou suas pegadas.

ANA *sentando-se na ponta da mesa, sob o retrato do COMEN-
DADOR, frente à cabeceira deixada vazia, acena aos ser-
ventes para que sirvam os CONVIDADOS, os quais to-
maram os assentos:*

Senhoras e senhores, bom proveito,
Estejam à vontade e me desculpem
Se alguma coisa estiver incompleta
Neste jantar de viúva. Não é fácil
Para uma mulher só manter respeito
E ordem no lar, tão necessários sempre
À boa fama.

DONA CONCEIÇÃO *sussurrando para sua VIZINHA, uma senho-
ra mais jovem:*

Veja só, senhora,
Como se boa fama precisasse
Deste banquete, no meio do luto!
E nada mais lhe fosse necessário.

DONA CLARA, *sua vizinha:*

Até o presente, sem falha, a Dona Ana
Mostrou-se respeitável.

DONA CONCEIÇÃO: Dona Clara,
Eu sei o que eu sei . . .

DONA CLARA *olhando ANA de soslaio:* Será possível? . . .

SERVO *na soleira:* O Marquês de Tenório!

ANA: Deixa entrar.

(*DON JUAN entra, parando junto à soleira.*)

- ANA: Permitam, meus prezados convidados,
Apresentar-lhes senhor de Maranhã,
O Marquês de Tenório.
(A DON JUAN:) Por favor!
- (DON JUAN procura com o olhar um assento e ocupa o
lugar à cabeceira da mesa. Percebendo à sua frente o re-
trato do COMENDADOR, estremece.)
- ANA a um SERVENTE: Sirva o senhor com vinho.
(O SERVENTE oferece a DON JUAN um copo maior e mais
bonito do que o oferecido aos outros.)
- UM CONVIDADO, vizinho de DON JUAN: Eu me lembro
Daquele que bebia dele. Vamos
Lembrá-lo.
(Estende seu cálice a DON JUAN.)
E que impere nesta casa
O espírito do nobre cavalheiro!
- DON JUAN tocando o copo do CONVIDADO com o seu:
Descanse seu espírito no céu!
- VELHA FIDALGA sentada à direita de DONA ANA, sussurrando-
-lhe:
Eu mal conheço aqueles de Maranhã;
Será que é Don Juan?
- ANA: Seu nome inteiro
É Antonio — Juan — Luiz — Urtado.
- VELHA FIDALGA: Então, não é aquele . . .
- DONA CONCEIÇÃO ouve a conversa, sorri ironicamente e diri-
ge-se à VIZINHA, sussurrando:
Sim é o próprio!
- VELHO FIDALGO a seu vizinho o FIDALGO MAIS JOVEM:
Sabe o senhor qual mérito foi este
Com que nos superou o de Maranhã,
Sentando-se no assento principal?
- FIDALGO MAIS JOVEM lúgubre:
Ignoro, de verdade.
- VELHO FIDALGO: Pode ser
Que tenha um novo mérito; o nosso
Não vale mais . . .
- FIDALGO MAIS JOVEM: Parece mesmo assim.

DONA CONCEIÇÃO *em voz alta a DON JUAN:*
Escute-me, senhor marquês, pois ontem
Não tive tempo de lhe perguntar,
E ainda não queria importuná-lo
Quando falava com Dona Ana, junto
Ao túmulo do seu esposo. Mas,
Seria interessante saber, qual
É o vosso parentesco? Me parece,
São primos de primeiro grau, não é?

DON JUAN: Não somos nem de longe aparentados.
DONA CONCEIÇÃO: Que coração sensível tem, Don Juan!
Pois na Escritura Santa também lemos:
"Alegre os tristes".

ANA *com a voz um pouco mais alta:* Caros familiares!
Permitam-me explicar por que motivo
A todos os senhores convidei
Para o jantar.

(A **DON JUAN:**)

Oh, queira desculpar;
Prefere tomar a palavra?

DON JUAN: Não,
Dona Ana, continue seu discurso.

ANA *aos CAVALHEIROS:*
Digam-me, por favor, caros parentes,
Se lhes faltei, acaso, em qualquer coisa,
Desrespeitando o nome da família.

CAVALHEIROS: Em nada, de verdade!

ANA *às DAMAS:* Minhas caras
Parentas saberão melhor ainda
Como uma mulher jovem necessita
De proteção na vida e de conselho.
Mas, uma viúva — como vai achar
Segura proteção, não tendo sido
Por Deus, chamada à vida religiosa?
A proteção que me oferece hoje
Meu véu de luto é tênue demais,
Para que as línguas más não me condenem
Com seu ferrão, sendo eu inocente.
Digam, senhores, onde procurar
A proteção?

DONA CONCEIÇÃO: Pois bem melhor seria,
Se não lhe fosse necessária!

DON JUAN: Bem
Melhor não tolerar estes espinhos
Que agriem tanto sua liberdade!

CONVIDADO MAIS IDOSO *trespessando DON JUAN com seu
olhar:*
Nossa parenta tem a liberdade
De fazer tudo que não comprometa
A honra da família de Mendoza.
E quem ousar, acaso, macular
Seu alto nome, fique sabedor
De que nós temos muitos cavalheiros
Cujas espadas servem à senhora.

DON JUAN: Muitas espadas não serão precisas
Enquanto eu tiver a minha própria.
(Puxa sua espada até a metade da bainha.)

O CONVIDADO MAIS IDOSO:
Aquela espada lhe basta, senhora?

DON JUAN: Se não bastar a espada, lhe darei
Ainda outra proteção.

O CONVIDADO MAIS IDOSO: Dona Ana,
Este senhor possui algum direito
De assim falar-nos?

ANA: Sim.

O CONVIDADO MAIS IDOSO: Pois, neste caso,
Somos desnecessários aqui.
(Levanta-se; atrás dele, os outros.)
Não sabe o bom marquês qual seja a forma
De proteção que deve ser tomada!
Mais fácil muita coisa se resolve
Na solidão do que publicamente.
O resultado em breve ouviremos,
Ou vamos, sem aviso, adivinhar.
*(Inclina-se à DONA ANA, em seguida todos os CONVIDA-
DOS saem do salão.)*

DON JUAN: Fechou-se a porta pétrea.
(Ri amargamente.)
Quão breve
Findou o belo sonho! Eis, cativos,
Tanto a princesa, como o cavalheiro . . .

ANA: Parece-lhe tão trágico, no fim,
 Ganhar a fortaleza e a rainha?
 Por que vamos julgá-lo um cativo
 E não um ninho de águias altivas?
 Eu mesma fiz meu ninho nas alturas,
 Vencendo o medo, o sofrimento, a ânsia;
 No vértice morar é meu desejo.
 Por que não quer viver também lá em
 cima?

O seu fogoso espírito tem asas.
 Acaso tem vertigem dos abismos?

DON JUAN: Eu tenho medo só daquelas coisas
 Que podem subjugar a liberdade.

ANA: Esta não mais existe. Foi Dolores
 Quem lha tomou.

DON JUAN: Oh, não! Dolores só
 Crucificou a sua própria alma,
 O próprio coração.

ANA: Por que fez isso?
 Para lhe devolver grilhões malquistos
 De um cidadão!

DON JUAN: Eu não suportaria
 Estes grilhões incômodos, não fosse
 Sua pessoa. Eu os quebraria.

ANA: Quem os aceita só por um instante,
 Há de ficar com eles para sempre.
 Sei disto por mim mesma, pode crer!
 Não posso mais tirá-los da minha alma;
 No entanto, pela força de vontade,
 Pode-se transformá-los em segura
 Cadeia de poder, tornando escrava
 A sociedade abaixo de seus pés!
 Pois, sem poder, não vive a liberdade.

DON JUAN: Eu tive sobre os corações poder.

ANA: Imaginou, apenas! Na verdade
 Todos os corações viraram cinza.
 Um único ficou inatingido:
 O meu, pois sou de sua semelhança.

DON JUAN: Por isso, eu sonhei em conquistá-la.

ANA: Em vão. Melhor é reunirmos forças
Para escalarmos juntos a montanha;
É bem penoso para mim sozinha.
Basta tirar o seu anel do dedo,
Trocando-o pelo meu anel.

DON JUAN: Eu devo
Tirar do dedo a prenda de Dolores?

ANA: E por que não? Eu não matei Dolores;
Foi o senhor quem colocou um morto
Entre nós dois, quem pôde superar
Obstáculo, soleira intransponível.
Agora quero, rápido, transpô-la,
Pois saiba: sou valente de nascença.

DON JUAN: O povo recrimina muitas coisas
Em meu comportamento, menos uma:
Amigos e inimigos reconhecem
Minha coragem.

ANA: Não duvido disso.
Não temerá, por certo, os de Mendoza
E nem suas espadas, ao sair
Da minha casa . . .

DON JUAN: E a senhora?

ANA: Deixe
Comigo este cuidado, pois melhor
Parece-me desgraça do que falsa
Ajuda de um amigo.

DON JUAN: Eis o anel!
(Tira o anel do dedo mindinho e o entrega a ANA.)

ANA dá-lhe o seu: E eis o meu. Em breve lhe darei
Um com chancela, para carimbar
As atas de comendador.

DON JUAN: Que ouço?

ANA: Eu lhe conseguirei aquele encargo:
O meu eleito não será humilde
Aos olhos da nobreza. Todos sabem
Que foi um bravo cavalheiro quando
Vivia em banimento, mas agora
Será supremo exemplo de virtude.

DON JUAN *entrando na sua fala:*

Acha que será fácil afundar-se
No abismo do terrível fingimento
Que se chama moral dos cavalheiros?

ANA:

Já basta de palavras sem sentido!
O que pensa, senhor, ser “fingimento”?
Confesse que nem sempre era sincero
E teve que fingir, de vez em quando,
A fim de seduzir uns belos olhos —
Está consciencioso, de repente?
Ou julga ser a meta inacessível?

DON JUAN *pensativo:*

Eu devo receber do seu marido,
Como herança, a alta fortaleza? ...
É estranho ... eu, herói da liberdade,
Conquisto com aríete de pedra
Castelos e fortificados burgos ...
Herói da liberdade era bandido,
Sendo banido.

ANA:

DON JUAN:

Então, fui obrigado.

ANA:

Foi obrigado? E sua liberdade?
Então era forçado a assaltar,
Para escapar da fome e da vingança?
Não vejo nisso liberdade.

DON JUAN:

Mas

Poder não me faltou, não é?

ANA:

Faltou.

Havia só uma “mútua caçada” —
Lembro-me muito bem, como a chamou —
E ser um perseguido não é honra.
Ignora ainda o gosto do poder:
Não ter apenas sua mão direita,
Porém milhares, prontas para a luta;
Que podem construir e derrubar
E mesmo conquistar potentes tronos!

DON JUAN *entusiasmado:*

Superbo sonho!

ANA *chega mais perto, sussurrando com paixão:*

Conquistar o trono!

Deve, em herança, receber o sonho,
A par do posto de comendador!

(Corre para o armário, tirando de lá o manto branco de comendador. DON JUAN estremece, sem poder tirar seus olhos do manto, entusiasmado pelas palavras de ANA.)

Repare, Don Juan: a capa branca,
A veste do comendador, não é
Adorno apenas! Como um estandarte
Ele reúne em torno os corajosos,
Os que não temem, com sangue e com
pranto,

Soldar as pedras do poder supremo.
Para a eterna construção da glória!
DON JUAN: Até o presente, não a conheci.
É mais do que mulher! E seu feitiço
É mais do que feitiço feminino!

ANA *chega perto de DON JUAN com o manto:*

Experimente a capa!

DON JUAN *quer tomá-la, mas pára:* Não, senhora!
Eu vejo sangue nela!

ANA: Mas é nova.

E se houvesse sangue? Desde quando
Tem medo dele?

DON JUAN: Tem razão, minha Ana!

Por que eu devo recusar o manto,
Se aceito todas estas regalias
E tomo a casa toda, como dono?

ANA: Como se expressa de maneira nova!
Eu quero vê-lo logo da maneira
Como convém ficar o tempo inteiro!

(Oferece-lhe o manto. DON JUAN o veste. ANA lhe entrega a espada e o bastão de comendador e o capacete com plumas brancas, tirando-o da parede.)

Que maravilha! Veja-se no espelho!

(DON JUAN chega perto do espelho e solta um grito.)

ANA: Que foi?

DON JUAN: Seu rosto! É ele que vem vindo!
(Deixa cair a espada e o bastão de chefia, fechando os olhos com as mãos.)

ANA: Vergonha! Que atitude acovardada!
Olhe mais uma vez e se componha!
Não deixe a fantasia derrubá-lo!

DON JUAN *com medo descobre a face e olha. Com a voz confragida por descomunal pavor:*

Eu não existo . . . é ele . . . é o de pedra!

(Cambaleia do espelho até a parede do lado e se apóia contra a mesma, de costas, tremendo o corpo todo. Nisso, do espelho se destaca a figura do COMENDADOR, igual à estátua, só que sem espada e sem bastão de chefia. Ele sai da moldura e se dirige com seu andar de pedra a DON JUAN. ANA se lança entre DON JUAN e o COMENDADOR. Este, com sua mão esquerda, coloca DONA ANA de joelhos e põe a mão direita sobre o coração de DON JUAN que estarrece, atingido por um terror mortal. DONA ANA grita, lançando-se aos pés do COMENDADOR.)

— F I M —

Sociedade dos Amigos da Cultura Ucr ana
Rua Brigadeiro Franco, 374
80.000 Curitiba, PR — BRASIL

Companhia Brasileira de Artes Gráficas
Rua Riachuelo, 128
Rio de Janeiro, RJ — BRASIL

Printed in Brazil

